

Cafajeste e
SEU

FESTA DA LUXÚRIA - LIVRO 4

MARI SALES



Cafajeste e
SEU
FESTA DA LUXÚRIA - LIVRO 4

MARI SALES

1ª. Edição

2023

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Dedicatória

*Para os solitários que ainda se sentem amarrados às
crenças limitantes. Às vezes, a companhia certa pode transformar o
mundo.*

Sinopse

Lídio Fagundes trocou os computadores pela ação em campo. Ferido em uma das missões, ele se afastou do trabalho oficial e foi recuperar a forma física em uma fazenda enquanto era segurança na Festa da Luxúria.

O novo refúgio da Irmandade Horus estava ao lado do terreno que pertencia a Marlene Teixeira. Mulher batalhadora e de conceitos antiquados, ela via o protetor Lídio como um mulherengo desajustado que só aparecia para tomar do seu café.

A vida de Marlene mudou quando ela recebeu o convite para uma festa diferente. Em meio a uma crise solitária, ela se permitiu ser outra pessoa enquanto vestia peruca e roupa ousada.

Eles não se reconheceram na festa.

Depois de tantos dias frequentando aquele lugar, eles se entregaram à paixão e nunca mais voltaram a se ver. A culpa tomou conta, Lídio e Marlene se gostavam, mas não confessavam seus sentimentos.

Para o felizes para sempre, eles superariam suas inseguranças e assumiram uma nova etapa das suas vidas, uma gravidez inesperada.

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Marlene

Capítulo 1

Saber que eu nunca seria feliz como minha irmã e sua amiga me deixava ainda mais dormente. Vivendo a rotina da vida no campo, casa, animais e plantações, eu só conseguia visualizar o meu futuro tão sozinha quanto as estrelas no céu.

Guardei os brinquedos espalhados pela sala, era fim do dia de domingo. Patrícia e Simone vieram com seus filhos, iluminaram o meu dia com seus sorrisos, comeram da minha comida enquanto a elogiava, e me incentivaram a passar alguns dias na cidade.

Não.

Meu bloqueio não era apenas em aceitar as mudanças de comportamento da minha irmã, mas também a liberdade sexual que ela tinha. Fui doutrinada a cuidar da casa, dos negócios da família e ter um homem ao meu lado apenas como convenção social. Qualquer avanço masculino tinha que ser visto como ameaça para a minha integridade.

E, por mais que eu tivesse esclarecimento, que as mulheres estão cada vez mais donas das suas vontades, uma voz lá no fundo me fazia travar. Puta, vagabunda, promíscua, indecente... todas as palavras inadequadas ecoavam na minha mente, me impedindo de continuar.

Sem sexo eu nunca teria um filho. Desejava uma família, mas nunca alcançaria enquanto me sentia ofendida ao pensar no

órgão sexual do homem. Tocar, colocar a boca, enfiar na minha... Oh, Deus, não conseguia nem pensar na palavra com v.

Ajeitei as almofadas no sofá, recolhi alguns potes de plástico que são da cozinha, mas os bebês amavam brincar e fui para a pia, lavar a louça que ficou do café da tarde. Impedi que Patrícia ou Simone lavassem qualquer coisa, porque elas vinham para a fazenda relaxar, não ter mais trabalho.

Para algumas mulheres, cuidar da casa era uma prisão. Para mim, era a única coisa que eu sabia fazer. Gostava de tudo limpo e organizado, além de buscar a minha comida no quintal, que plantei e criei.

Tudo o que eu precisava estava ao meu redor. Autossuficiente, não precisava de nada além da minha disposição diária. Se eu não me sentisse tão sozinha e abandonada, continuaria firme no meu propósito de não buscar uma companhia.

Enquanto eu lavava as vasilhas, ouvi um barulho de passos e risos. A noite já tinha chegado e as corujas, além das cigarras, começaram o seu canto de encerramento do dia.

Ele sempre aparecia quando eu mais divagava em meus pensamentos. Lídio era um dos seguranças associados à Irmandade Horus, que compraram a fazenda ao lado da minha, para treinamento e outras coisas que não me interessavam.

Eu pouco perguntava sobre aquele homem de olhar gentil, sorriso arrogante e palavras esdrúxulas. Ele sorria com o quanto eu surtava com suas provocações, a personificação de um cafajeste em forma de músculos.

Fingi que estava distraída com água, sabão e louça. Ergui meu olhar apenas quando Lídio estava próximo o suficiente para que eu não pudesse ignorá-lo. Sorrindo como sempre, cabelo preso e suor na testa, ele deveria estar correndo com outros rapazes da Irmandade pelas estradas que uniam nossos terrenos.

O senhor Vincenzo Rizzo, chefe da Irmandade, foi muito educado e cavalheiresco ao pedir autorização para que circulasse pela minha propriedade. Eles não atrapalhariam o meu trabalho, talvez nem os visse pelos arredores, mostrando que ele nem precisava falar comigo, mas o fez. Em troca, me dariam proteção. Contra o que, não sabia dizer. De certa forma, eu me senti menos sozinha.

— Boa noite, dona. — Deu alguns pulinhos antes de parar em frente à janela da cozinha e me encarar daquele jeito que fazia meu corpo inteiro reagir. Da mesma forma que acontecia em um segundo, repreendia-me na mesma velocidade, ele era apenas um amigo, não meu futuro marido.

— Se eu te der um copo de água bem gelado vai parar de me chamar assim? — Enxaguei a mão e a sequei no pano de prato apoiado no fogão ao lado. Fui até a geladeira e tirei a grande jarra para o servir.

— Por hoje, talvez. — Colocou os grandes antebraços apoiados no peitoral da janela e acompanhou-me com o olhar, sempre admirado mesclado com seu jeito nem um pouco recatado.

— Tem sorte que não tenho um cachorro para te espantar toda vez que me contraria. — Voltei para a pia e estendi o copo em sua direção, seus dedos tocaram os meus quando o pegou e tomou

o conteúdo com uma rapidez enquanto a região tocada ainda formigava. — O que veio fazer aqui?

— Te ver.

— Você e todas as amigas do galinheiro, em busca de ciscar minha comida.

— Pelo cheiro, tem broa de milho e café. — Inspirou profundamente, colocou o copo na pia e voltei a lavar a louça. — Trabalhei muito hoje.

— Sim. A música alta chegou até aqui no fim da tarde.

— Gosto de me exercitar com trilha sonora, os movimentos pélvicos ficam mais intensos a cada batida. — Sorriu de lado complementando sua frase sugestiva e revirei os olhos rejeitando as imagens que queriam surgir na minha mente.

— Dispensó comentários sobre o que você faz naquele lugar.

— Muito levantamento de peso.

— Que ótimo, estava precisando de um pouco de músculo. — Forcei o sorriso e esfreguei a assadeira com força. — Poderia trazer para dentro aquelas duas caixas que estão na varanda? Patrícia trouxe algumas roupas, toalhas e louças que não usa, para mim.

— Sim, dona. — Ele se afastou rindo por ter me chamado do jeito que eu não gostava e controlei-me para não sorrir também, porque a alegria de Lídio sempre me contagiava.

Todas as vezes que nos encontrávamos era assim. Eu oferecia água quando estava suado, depois café e comida. Ele provocava, demonstrava o quanto era cafajeste com suas palavras de duplo sentido e ia embora, voltando depois de vários dias longe.

Deveria afastá-lo como eu fazia com todos os homens, mas eu não sabia explicar, com Lídio eu não tinha medo. Talvez, porque ele nunca tenha feito uma proposta direta ou, desde o início, ele demonstrara que eu era apenas uma amiga.

E, sabendo que ele estava com outras, exercitando as regiões pélvicas e ficando suado, eu me sentia confortável de não o ter se aproximando de forma íntima, ao mesmo tempo que não me sentia digna de ser cortejada.

Com marcas de expressão, manchas na pele e cabelo seco, mesmo com vinte e seis anos, eu parecia uma senhora no meio da vida, tanto na aparência quanto na alma.

Eu me consolava com sua presença e papo furado. Pelo menos eu tinha uma boa visão do seu porte atlético, sorriso carismático e energia protetora. Não sabia explicar, mas saber que ele estava por perto me proporcionava uma paz que nunca senti.

Ouvi passos e virei o rosto para gritar:

— Coloque em cima da minha cama, por favor.

— Pronto. — Ele entrou na cozinha, a camisa regata branca estava colada ao corpo e o jeans surrado e claro chamava atenção para suas coxas musculosas. — Aceito café, dona.

— Você já é da casa, tem pernas para chegar até o outro lado e mãos para pegar a xícara. — Fui ríspida, porque ele tinha

usado a palavra que eu não gostava. Se ele se ofendeu, não demonstrou, obedeceu em silêncio e se sentou na pequena mesa da cozinha, que eu usava para as minhas refeições solitárias.

— Não tão de casa, já que não posso tirar a camisa ou tomar um banho. — Tomou um gole de café quando lhe direcionei o ódio com meu olhar. — Esse está diferente.

— Sim, coloquei uma pitada de chocolate, para agradar minha irmã. — Voltei para a pia, faltava pouca louça. — Ela e Patrícia vieram passar o dia comigo.

— Como estão as crianças?

— Crescendo. — Sorri, lembrando-me do quanto aquelas crianças me enchiam de alegria com suas brincadeiras.

Terminei a louça, enxuguei as mãos no pano de prato e me virei, encontrando Lídio sério demais me encarando. Quando franzi a testa, ele voltou a sorrir, como se o jeito divertido dele fosse uma armadura.

— Não vai comer a broa?

— Estou apreciando o momento. — Tomou outro gole de café, sem tirar os olhos de mim.

Soltei o ar com força, abri o forno e tirei as formas com as massas caseiras que fiz. Servi Lídio, disponibilizando a manteiga e a geleia. Ia voltar para secar a louça, ele puxou a segunda cadeira da mesa e bateu no assento.

— Senta.

— Eu já comi, preciso terminar de arrumar a casa antes de dormir.

— Se continuar de costas para mim, eu vou ficar olhando mais do que devo da sua retaguarda.

— Seria mais fácil eu te mandar embora.

— Então, colocaria mais música alta para atrapalhar seu dia.
— Ergueu uma sobrancelha e começou a se servir. — Sou um mal necessário, dona.

— Ou a lembrança do que eu nunca poderei ter — rebati por instinto.

Assustei-me com seu olhar, depois com a constatação do que tinha dito e fui para dentro do meu quarto, meu refúgio.

Bati a porta atrás de mim e coloquei as mãos fechadas em cima do meu coração, ele estava pronto para pular pela boca. A caixa na cama chamou minha atenção, seria uma forma de mudar o foco do meu desespero.

Dei passos lentos até a cama, abri a primeira tampa e encontrei uma peruca loira, em cima de um tecido delicado, vermelho. Ao lado, um envelope branco, que peguei e tirei o papel dobrado de dentro.

Era uma carta digitada do computador, com instruções sobre uma festa. Deixei o papel cair quando li a palavra luxúria, era o tal lugar onde minha irmã conheceu seu marido. Um antro de perdição, de mulheres que não se valorizavam e homens que só pensavam com o p... também não conseguia dizer aquela palavra.

— Marlene! — Lídio me chamou e minhas mãos começaram a tremer, caso ele invadisse meu espaço. — Estou indo, obrigado pelo café e pela comida.

— Tcha-au! — gaguejei e dei um passo para trás, assustada.

— Está tudo bem? — Bateu suave na porta e corri até ela, para que não fosse aberta.

— Sim, pode ir. Eu quero descansar.

— Tudo bem, boa noite, dona.

Fechei os olhos, coloquei minha testa na porta e controlei a respiração. Precisava de equilíbrio, porque a caixa, com o convite a uma grande mudança em minha vida, estava me chamando para o pecado.



Marlene

Capítulo 2

Depois de tantos dias pensando sobre a caixa misteriosa, resolvi me render à curiosidade. Nunca tinha feito nada de errado – propositalmente –, sentia como se eu pudesse me permitir um pouco de ousadia em meio à minha solidão.

Mais de sete dias sem falar com minha irmã. Mais de uma semana sem receber a visita de Lídio. Por mais que a horta, as galinhas e as vacas fizessem o papel de ocupar meu tempo, eram 15 horas e eu não tinha nada para fazer além de encarar a caixa.

Será que tinha sido presente da minha irmã?

Sentada em cima da cama, olhando para a peruca loira e o papel dentro, levei muito tempo para finalmente esticar o braço e reler a carta digitada. Eram instruções sobre uma festa, que acontecia toda quarta-feira, para aqueles mais tímidos quanto à luxúria. Tremia enquanto lia que todos deveriam estar de máscaras, ninguém poderia ser tocado, apenas conversar. Qualquer palavra dita de forma indevida, deveria ser reportado para um dos funcionários com máscara roxa e prateada.

Para manter meu anonimato, as pessoas usavam mesmas roupas e perucas. Era uma introdução, para que as elas se permitissem e frequentassem nos fins de semana, em busca do despudor.

Eu não deveria. Quem frequentava estava desconectado dos sentimentos, o relacionamento carnal não deveria ser tratado

como um acordo de negócios.

Tirei a peruca da caixa, depois o vestido, era lindo. Olhei ao redor, com medo de ser julgada pela minha própria sombra. Abri a porta do guarda-roupa, que tinha o espelho de corpo inteiro e me encarei, era apenas eu me repreendendo.

Refleti e admirei o tecido vermelho, depois o trouxe para o meu corpo, combinava comigo. Em um rompante desconhecido, tirei minha roupa, coloquei o vestido e fiz uma careta, a lingerie marcava.

Peguei a peruca e a coloquei de qualquer jeito na cabeça, eu parecia outra. Não me reconhecendo e tendo a coragem como companhia, olhei novamente para a caixa e encontrei várias lingerie vermelhas. Abri a boca em choque ao encontrar um pequeno tecido, que passaria despercebido debaixo da minha roupa.

Ainda com a peruca, dizia para mim mesma que estava sendo incentivada por essa nova versão. Tirei minha lingerie e coloquei aquela delicada, encarando-me no espelho e me sentindo... uma puta.

Coração acelerado e respiração difícil, eu estava em uma luta interna, sobre me admirar e me julgar. Tirei a peruca e a joguei longe, percebendo que era ela que tinha mudado minha forma de agir.

Nervosa, arranquei tudo do meu corpo, vesti minha roupa padrão e corri para a cozinha, a fim de beber um grande gole de água. As lágrimas ameaçaram cair, mas eu resistiria bravamente à tentação.

Não seria devassa sem coração, que abriria as pernas para todos os homens que cruzassem meu caminho. Eu tinha uma casa para cuidar, a fazenda e... só.

Olhei para a janela e esperei por Lídio, ele deveria estar muito ocupado com todas as mulheres que o cercavam. Lindo e gentil, ele me visitava, com toda certeza, para fazer caridade.

Eu era facilmente descartada.

Tomada pela raiva, voltei para o quarto, ajustei a peruca na cabeça e suspirei, com ela, conseguiria agir fora do padrão. Olhei-me no espelho e não me encontrei, apenas uma mulher que não tinha medo de ser vista.

Busquei o papel com instruções, tinha um número de telefone. Deixando de lado a prudência, peguei o celular, digitei os números e uma mulher atendeu.

— Olá, estou disponível para agendar sua visita na Festa da Luxúria.

— Eu...

— Temos vagas para hoje, se interessada.

— Sabe quem eu sou?

— Não preciso, apenas do seu endereço.

— Moro longe.

— Garantimos discrição e segurança, tudo é feito com excelência.

— Eh... — Fechei os olhos e disse meu endereço. Depois que ela falou o tempo de chegada e desligou que percebi o que estava aceitando.

Não.

Sim!

Aceitando a nova versão com a peruca loira, troquei de roupa para o vestido vermelho, coloquei a calcinha minúscula e não usei sutiã. Estava me sentindo nua, uma degenerada, mas me apeguei à minha irmã e tudo o que ela tem me contado sobre o local.

Até quando eu ficaria escondida? De certa forma, continuaria, mas vestia uma armadura de alguém que não tinha nada a ver comigo.

Na caixa tinha sandálias e outros itens de cuidado pessoal. Usei tudo, quanto menos parecesse a mulher da fazenda, melhor. Ninguém acreditaria na loucura... nem eu mesma.

O barulho de carro me assustou, entrei no banheiro e me tranquei. Quando a aproximação do automóvel cessou, fechei os olhos e tive vontade de gritar por ajuda. Depois de várias respirações, encarei-me no espelho e ganhei força, ninguém me reconheceria.

Essa era uma amiga distante, que veio passar alguns dias comigo. A desculpa estava na ponta da língua, pronto.

Saí do meu esconderijo, passei pelo quarto, depois a sala e olhei escondida pela janela, o carro luxuoso estava estacionado e

um homem de terno e quepe me aguardava. Ele não parecia intimidante, ainda assim, demorei para chegar até ele.

Cumprimentou-me com um murmuro, mal olhou em meus olhos. Abriu a porta do passageiro, depois se acomodou atrás do volante e dirigiu, deixando poeira para trás.

— Oi. Moço.

— Sim, senhorita? — ele perguntou, solícito.

— Estou de passagem, minha amiga mora naquela casa.

— De acordo.

— Ela é bem caseira e não gosta dessas coisas.

— Coisas? — Ele respirou fundo e forçou o sorriso simpático, que encarei pelo retrovisor interno. — Se está falando sobre a liberdade sexual com segurança, é uma pena que ela não se permita.

— Si-sim. — Engoli em seco, não sabia por que estava me justificando. — Ela foi criada em uma família tradicional.

— Se não fosse pelo sexo, não estaríamos vivos. Sexo é vida, faz parte do paraíso, não o vilão.

— Luxúria é um dos pecados capitais.

— Sem equilíbrio, até a caridade é ruim. Trabalhamos com o saudável, a senhorita irá ver com seus próprios olhos e poderá contar para sua amiga. Ela é bem-vinda.

— É de graça?

— Digamos que, o convite que você recebeu, só pode ser entregue por alguém de confiança do organizador. Ele estará hoje lá, se quiser conversar.

— Não, obrigada. Eu só quero ver.

— Se assim é do seu desejo. — Apontou para o painel. — Posso colocar uma música? Até Dualópis, temos vários minutos de estrada.

— Tudo bem, mas nada muito meloso ou romântico.

— Tenho a playlist perfeita.

Uma música de batida agitada começou a tocar e meu coração acompanhou o ritmo. Refleti suas palavras e tentei me convencer de que eram verdade.

“Baby, eu estou desbotado

Tudo que eu quero fazer é levá-lo ao centro da cidade

Baby...”

Crypto, Constance – Faded

Tudo, com equilíbrio, era saudável.

Se... Sexo. Ele falou tantas vezes que consegui repetir na minha mente. Era aliviante saber que eu conseguia pensar na palavra sem me sentir tão oprimida.



Marlene

Capítulo 3

Eu queria fugir, mas não havia lugar seguro para me esconder. Uma cidade desconhecida, em uma festa que não tinha nada a ver comigo. Ultrapassei todos os limites do bom senso e estava me despedaçando por dentro a cada segundo que passava.

A viagem foi rápida demais para a minha ansiedade. Parada em frente ao prédio, eu tinha vontade de me encolher e chorar. Mas não ceder ao sofrimento também era uma das lições que aprendi com meus pais. Que seja ruim, mas vá até o fim, sem derrubar uma lágrima.

Precisava ser forte, por mim.

— Estou disponível para levá-la até a porta da festa, se necessário. — O motorista simpático me encarou pelo retrovisor e forcei o sorriso. — Só não posso entrar, porque estou sem o traje adequado.

— Obrigada, eu assumo a partir daqui. — Saí do carro, as mãos suando e os pés sem firmeza me desequilibraram.

Tomei um longo fôlego e caminhei até a recepção, uma mulher, também de máscara e com o mesmo traje que o meu me recepcionou. Senti-me decepcionada, porque me vi naquela desconhecida. Lembrei-me das instruções no papel e quase fiz uma careta. Eu não estava chamando atenção, era apenas mais uma dentre tantas.

De certa forma, senti-me mais segura, seria difícil me reconhecer ou qualquer uma outra.

— Olá, bem-vinda. Seus pertences ficarão comigo enquanto aproveita a festa.

— Oh, droga! — Olhei ao redor, depois para fora e percebi que não tinha levado nada comigo, nem minha carteira. Tão nervosa quanto estava, esqueci se havia um convite. — Eu...

— Algo errado?

— Não trouxe minha bolsa. — Ergui as palmas da minha mão em desespero. A mulher sorriu e me entregou uma tela.

— Está tudo bem, você não precisará de nada além da sua disposição. Caso precise usar o telefone, pode me pedir que eu disponibilizarei um.

— Como vou voltar para casa?

— Aqui estão as fotos dos motoristas. — Apontou para a tela e dei atenção para o dispositivo eletrônico. — Me indique qual te trouxe até aqui, ele a levará de volta.

— Esse. — Indiquei com o dedo e ela balançou a cabeça.

— Gomes. Consegue guardar o nome ou quer que eu anote em um papel?

— Não tenho onde guardar.

— Se importa de usar uma pulseira? — Ela mostrou uma fita branca e estendi meu braço em sua direção. Escreveu o nome do motorista e envolveu meu pulso, deixando o texto escondido. —

Quando chegar à recepção, corto a pulseira e encontro seu motorista. Tem mais alguma dúvida?

— Com quem eu falo caso eu seja...

— Nenhum incidente aconteceu até hoje, senhorita. — Ela sorriu simpática, todos pareciam bem treinados para não nos intimidar. — Mas temos pessoas circulando pela festa, atentos a qualquer situação suspeita. Preferimos não os identificar como seguranças, porque estragaria o clima da luxúria.

— Então, eu tenho que confiar?

— Na verdade, você pode se permitir. — Estendeu o braço em direção ao elevador. — Liberdade. Sem julgamentos ou ameaças. A confiança deve ser em si mesma, o ambiente é apenas um meio para a sua autodescoberta. Bem-vinda à Festa da Luxúria, aproveite o momento.

Engoli em seco e demorei um tempo, olhando dela para o elevador, antes de movimentar minhas pernas para chegar até aquele pequeno ambiente metálico. Apertei o único botão disponível no painel, as portas se fecharam e o ar ficou preso na garganta.

Liberdade.

Sem julgamento.

Até que ponto eu poderia ir sem ultrapassar o limite da libertinagem? O que eu poderia fazer sem ouvir as palavras cruéis que meus pais diziam, sobre as mulheres que se envolviam com os homens?

Cheguei ao andar, a porta do apartamento estava aberta e a música baixa me atraía para dentro. Só consegui dar o primeiro passo quando a porta do elevador quis fechar, seria mais vergonhoso voltar para o térreo e cruzar com outra pessoa do que seguir em frente.

“”

Kujah – Animosity

A vontade era de dançar, mas me controlei. A luz estava baixa, mas havia muitas outras suaves ao redor. Era uma grande sala, vários sofás, espaço para pessoas circularem e mesas de canto com comidas e bebidas.

Havia poucas pessoas. Todas as mulheres estavam com a mesma roupa e os homens de terno, com um pano na cabeça. Parecendo o Zorro, a máscara tampava a cor dos cabelos e os deixava ainda mais misteriosos.

Parada na entrada, recebi alguns olhares que me assustaram, mas logo passou, porque nenhum ficou me encarando por muito tempo. Algumas mulheres que andaram por perto, estavam de cabeça baixa e tão tímidas quanto eu mesma.

Ao vê-las tão submissas, resolvi estufar o peito e me assumir adulta. Até quando eu deixaria aquela opressão invisível tomar conta? Todos estavam naquela festa para se libertarem de algum conceito pré-definido. Eu morava no meio do mato, não teria o desprazer de cruzar com nenhum deles na minha rotina da roça.

Fui até a mesa mais próxima, escolhi uma taça e tomei o líquido, borbulhante e doce. Tomei mais um gole e fui até um sofá com encosto alto, apoiei meu quadril nele e observei ao redor. O que as pessoas faziam naquele lugar? Estava tão parado.

Meu olhar vagou um pouco mais e fixou-se em um homem que surgia do corredor. Com o mesmo terno e gravata de todos, o tecido preto cobrindo a cabeça me impedia de imaginar como ele seria sem a máscara.

Ajeitou as lapelas do paletó e, finalmente, me encarou. Desviei o olhar e tomei um gole da bebida, com medo dele se aproximar e querer conversar. Para a minha surpresa, ele passou ao meu lado, mas não fez nada além de me deixar intrigada.

Duas mulheres começaram a dançar, rindo alto e se divertindo. Alguns homens se aproximaram para admirá-las de longe, mas não aquele que estava no meu radar.

O rapaz pegou um dos salgados que estava em bandejas, colocou na boca e voltou a me encarar, displicente e gentil, tão familiar que me assustou. Mandei o surto ir embora, ele estava longe e não oferecia risco à minha vida – ou sanidade mental.

A intensidade me dominou, mudei o foco para as mulheres dançando e os homens admirando. Senti a aproximação de uma pessoa ao meu lado, estava prestes a me afastar, mas reparei que o homem não era o mesmo, ele tinha um pouco de barba por fazer.

— Boa noite, senhorita.

— Olá. — Tomei o resto da minha bebida e ele estendeu a mão, me surpreendendo.

— Posso trazer outra bebida?

— Oh! — Sorri e entreguei a taça para ele. — Obrigada.

— A seu dispor. — Acompanhei-o se afastar, pegar outra bebida e trazer para mim. O mascarado de antes continuava me encarando de longe. Ter a atenção de dois homens inflou meu ego, talvez eu não fosse tão ruim.

Piranha! Uma voz bem longe tentou me desalinhar, mas ignorei fortemente ao tomar mais um gole da bebida.

— Gosta de dançar? — perguntou, sorrindo ao ver as mulheres na pista.

— Não. Não sei. Nunca tentei.

— A alegria delas é muito mais excitante do que os movimentos.

— Tudo se torna um pretexto para vocês. — Revirei os olhos e ele voltou a me encarar.

— Para o quê?

— Você entendeu.

— Sexo? — Deu de ombros e voltou a encará-las. — Sou culpado com orgulho ao admirar as mulheres e saber que eu fiz parte de um momento tão íntimo e intenso quanto um orgasmo.

— Meu Deus! — Perdi o fôlego por conta daquela crueza de confissão.

— Espero que algum dia consiga ver a mesma beleza que eu vejo em você, mesmo estando com essa armadura de

juízo. Você é bem-vinda a voltar na Festa da Luxúria quantas vezes quiser. Com licença.

Ele se despediu com um aceno de cabeça, se afastou e me deixou impactada com a atenção do outro desconhecido mascarado, ele parecia não ter desviado o olhar de mim.

Precisaria de outras vindas para me libertar um pouco mais, com certeza.

Lidia



Capítulo 4

Corri pela estrada de chão, em direção à fazenda de Marlene e me impedindo de ir visitá-la todas as noites que não estava trabalhando na Festa da Luxúria.

Minha cabeça estava uma confusão. A insegurança e os questionamentos intensos que existiam antes de me tornar um membro da Irmandade Horus tinham voltado. Depois de ter me machucado, quando finalmente aceitei uma missão fora do meu escritório seguro, percebi que eu não sabia ser um homem de verdade.

Todos os meus irmãos eram protetores e dignos de suas vitórias, não eu. A única solução era retornar para a única ferramenta que eu dominava: o computador.

Vicenzo Rizzo não aceitou meu pedido e encontrou no campo um novo local seguro para o recomeço dos nossos protegidos. Entre homens e mulheres em perigo, formávamos uma grande família.

Por mais que eu parecesse confiante e sorridente, eu não era nada além de um avatar de mim mesmo. Eu me exercitava para que ninguém tivesse a oportunidade de perguntar sobre a minha saúde ou como eu estava me sentindo. Trabalhava na Festa da Luxúria, nos dias em que não havia ação, para que eu não fosse humilhado ainda mais.

Ninguém ia querer um homem que falhou em uma missão. Eu deveria proteger e não sofrer um acidente.

Ofegante e suando, passo pela entrada da fazenda de Marlene e deixo que os pensamentos indecentes tomem conta. Sua timidez me atraía. Toda vez que rebatia com rispidez, meu pau queria ganhar vida, para escutá-la brigar comigo a cada estocada dada em sua boceta encharcada. Sonhava com ela todas as noites, ansiava por ter uma chance com aquela mulher, mesmo sabendo que ela nunca me daria uma chance para algo tão íntimo.

Ela era muito areia para meu caminhão. Mesmo que eu ainda fosse cinco anos mais velho do que ela, sua força e determinação me faziam sentir como o nerd que nunca tinha beijado na boca.

Trepei com muitas mulheres, me apaixonei instantaneamente por outras. Vivi bons momentos e todos eles foram superficiais demais para durarem mais do que algumas semanas.

Ao mesmo tempo que eu não me sentia digno, as mulheres não viam nada além do que o homem gentil que as faziam ter orgasmos com meus dedos, sem esperar nada em troca.

Eu era o rapaz divertido, que encontrava todas as informações no meio virtual. Sempre a segunda opção, permiti que minha vida fosse a sombra de outros irmãos.

Até conhecer Marlene, carregando grandes caixas e demonstrando que não precisava de ninguém. Acionei meu modo

mais cafajeste, com as frases mais dúbias e ganhei um revirar de olhos. Ela se afetava comigo tanto quanto eu por ela.

Só queria uma chance, mas eu era covarde demais para dizer que a queria debaixo de mim, gemendo e implorando pelo meu pau. As mulheres gostavam quando éramos diretos, mas com Marlene era diferente. Como uma cebola, ela tinha muitas camadas e cada uma delas incomodava os olhos se ficasse próximo demais.

Minha pressa era apenas para as corridas, eu viveria cada momento ao seu lado com intensidade e calma.

Enquanto deixava meus pensamentos fazerem o que eu realmente queria executar, cheguei até a grande casa de fazenda destinada a quatro adultos. Além de mim, Gael, Marcelina e Rute moravam naquele lugar rústico e confortável. Cada um tinha seu próprio quarto, mas dividíamos a cozinha e sala.

Parei do lado de fora próximo à área de serviço. Eu me despi e fiquei apenas de cueca, tomando uma ducha gelada antes de trocar de roupa e me sentar um pouco na frente do computador, para conferir o trabalho da equipe de tecnologia da Irmandade Horus.

Éramos uma empresa, cooperativa e família, tão simples e complexo como poderia ser explicado. Todos que se associavam, tinham responsabilidades e proteção, além de precisarem agir quando necessário.

As mulheres que moravam comigo gostavam de cuidar da casa e fazer comida, mas nenhuma refeição chegava aos pés das

feitas por Marlene. Elas iriam comigo pela primeira vez na Festa da Luxúria, precisavam voltar a socializar tanto quanto eu mesmo.

— Foi correr mais uma vez? — Gael se aproximou com os braços cheios de lenha. — Como está a perna?

— Melhorando a cada corrida. — Olhei a cicatriz da cirurgia e lembrei-me de tudo o que passei até chegar ali. — Não posso dar bobeira, se ainda quiser assumir missões de campo.

— Certo. — Ele passou por mim e desliguei o chuveiro, mexendo o corpo e tirando o excesso de água da pele.

— Amanhã levarei as meninas para a cidade. Você vai?

— Não, alguém tem que cuidar do perímetro. — Ele colocou a lenha no chão, próximo da porta da cozinha.

— Acha que tem alguma ameaça por aqui?

— O seguro morreu de velho, irmão. — Ele sorriu e bateu as mãos para afastar o pó que tinha nos braços. — E eu prefiro o que acontece nos fins de semana, muita putaria e sexo.

— Aprenderia a trabalhar a antecipação indo conosco.

— Eu chamo de preliminar e prefiro com minha língua afundada em uma boceta, não olhando o que não posso comer. — Sorriu com malícia. — Eu já te vi em ação, você não é do time pão com margarina.

— Você é jovem, nem chegou aos trinta. — Abri a porta da cozinha e assustei uma das minhas companheiras de casa, que gritou ao me ver quase nu. — Oi, Rute. Eu vou direto para o quarto.

— Que susto, Lídio. Eu estou fazendo sopa. — Ela colocou a mão no peito e se afastou quando eu passei acompanhado de Gael.

— Quem está doente? — O outro homem resmungou. — Trouxe lenha para assar uma carne. O que acha?

— Que amanhã ela e Marcelina têm compromisso comigo, não vai atrapalhar.

— Mas eu posso ficar. — O tom de Rute era de vergonha e, estando na Irmandade, elas passavam por longos treinamentos para não serem repreendidas por ninguém.

— Ou Gael pode fazer o churrasco no fim de semana.

— Eu tenho compromisso, cara.

— Nós também. — Apontei o dedo para a mulher, que ficou com as bochechas vermelhas. — Você vai comigo, já providenciei a roupa.

— Tudo bem.

Fui para o meu quarto, acionei a caixa de som e fui tomar um banho decente, para me jogar na cadeira e navegar no mundo virtual. Com a autorização de todos, eu escutava música alta por uma hora.

“Segure na estátua da luxúria

Você usa meu corpo para cima

Cuidado com um brinquedo, divertido

Seu fodido torto
Eu não sinto o mesmo
O objeto que persigo
Confuso”

Alter., Barren Gates – Object

Entre mexer no computador e assistir alguns vídeos na rede, fui para a cama sem jantar e acordei antes do galo começar a cantar. Conferi o relógio do celular e sabia que Marlene estaria fazendo o café da manhã, que ela comia solitária todos os dias. Conhecia a rotina da mulher, em busca de uma brecha para poder me aproximar.

Minha dignidade estava comprometida, eu não me sentia capaz de confessar meus sentimentos por uma mulher. A rejeição dela seria muito pior do que nunca ter me relacionado intimamente com ela.

Se fosse para manter a zona amiga por tempo indeterminado, eu seguiria o plano.

Levantei-me com um pulo, fiz minha higiene e coloquei roupa de treino. Todos dormiam, Rute deixou um prato de sopa para mim em cima da mesa, ela era atenciosa e estava sob a minha proteção.

Comecei a corrida em um ritmo brando, alongando braços pelo caminho. Assim que cheguei no terreno da fazenda vizinha, apressei meus passos até chegar na casa de Marlene.

Fui surpreendido com sua presença na parte coberta, do lado de fora, a área de serviço. Ela pendurava os panos de prato, ainda estava de camisola e não usava sutiã.

Linda, em todos os momentos. Lembrou-me a mulher que eu tentava me aproximar na Festa da Luxúria, exercitando minha paciência, para que fizesse o mesmo ou melhor com Marlene.

Não tinha planos para transar com outra que não fosse a mulher dos meus sonhos, mas eu não poderia passar vergonha na frente da única que eu ansiava para o resto da vida.

— Quem está aí? — Marlene gritou, assustada. Distraído e com vontade de me aproximar, acabei fazendo muito barulho. — Lídio?

— Bom dia, dona. — Provoquei-a me revelando, ela cruzou os braços e se manteve na área coberta. Seu desconforto me intimidava, não queria incomodá-la.

— O que está fazendo logo cedo por aí?

— Corrida matinal. — Aproximei-me um pouco mais, parei e abaixei a cabeça. — Sinto muito te assustar, não queria invadir sua propriedade.

— Ainda estou de camisola, é um tanto inconveniente vir fora do horário.

— Eu nem ia parar. — Dei de ombros, sorrindo com sarcasmo, mas também levando o tapa verbal que ela mandou nas entrelinhas.

— Mas está aqui e vai me ajudar. — Apontou para um grande balde de metal entre nós. — Sirva as galinhas enquanto eu tomo um banho e coloco a mesa do café da manhã.

— Não precisa de alguém para esfregar as costas? Eu recomendo, é sempre bom ter mãos extras.

— Eu alcanço muito bem todas as partes do meu corpo, não preciso de ninguém para algo tão banal.

Ela saiu da área de serviço pisando firme, sabia que estava constrangida com meu comentário. Desejava que entrasse na brincadeira, mas ela sempre rebatia com algo que me afastava cada vez mais de conquistá-la. Marlene não precisava de ninguém e eu nem era bom o suficiente para provar o contrário.

— Mas poderia — murmurei, observando-a parar na porta da casa e me encarar. — Você deseja ficar sozinha o resto da vida?

A resposta foi um bufar raivoso por parte dela. O jeito era cumprir sua ordem e, como as galinhas, viver de migalhas ao invés de não ter nada.



Marlene

Capítulo 5

Aquela era a quarta vez que eu frequentava a Festa da Luxúria. O homem, que apelidei de Cafajeste, para me lembrar um pouco de Lídio também, estava sentado no sofá, com o olhar na porta.

Gostava de pensar que ele estava me esperando chegar.

Sorri e ele ergueu a taça em minha direção, nos reconhecíamos de longe, trocávamos olhares, mas nunca conversamos. Eu ainda tinha muita vergonha e trocava algumas palavras com as mulheres e outros homens que não me despertavam interesse.

Era mais fácil me aproximar de um possível amigo do que o amante iminente. Naquela noite, eu estava propensa a fazer diferente das outras vezes. A última conversa que tive com Lídio me deixou incomodada, porque eu não queria viver o resto da minha vida sozinha. Meus sobrinhos não seriam meu ponto de apoio, eles eram a família da minha irmã.

Eu buscava trilhar minha própria história.

Adorava ser independente e não precisar da caridade de ninguém, mas havia momentos específicos, principalmente no acordar e ir dormir, que eu mais sentia falta de uma companhia.

Com uma coragem que não combinava comigo, fui em direção ao homem misterioso que me encantou desde a primeira

vez naquela festa. Sentei-me ao seu lado e ele tensionou, pelo visto, não era apenas eu que ficava nervosa.

— Boa noite — murmurei, quase um fio de voz, de tanto nervosismo.

— Olá, boa noite, senhorita. — Só consegui ouvir, porque ele aproximou sua boca do meu ouvido. O timbre era familiar, mas estava difícil de identificar qualquer semelhança com algum conhecido, por conta da música alta.

“Onde você foi

Você apagou as luzes

Fechou a porta na sua própria cara

Só você sabe

Depois da meia-noite

Estrelas estão colidindo no lugar”

Maisy Kay – Blood Filled Tears

Ele tomou um gole da bebida que estava em suas mãos e fiz o mesmo, buscando alguma forma de iniciar uma conversa. Estando com a armadura do anonimato, talvez eu me permitisse um toque ou um beijo. Só o pensamento me agoniava, porque eu me sentia traindo Lídio. Eu gostava daquele homem divertido, que estava sempre por perto, mas deixava claro em suas frases de

duplo sentido, que se divertia com todas, mas não se apegava a ninguém.

Tinha minhas limitações, mas era adulta o suficiente para perceber que eu morreria seca se não desse o passo. Aquela festa tinha se mostrado segura para conversar e me relacionar, sem ser julgada ou reconhecida.

— Eu posso ser sincero com as minhas palavras? — ele perguntou e virei o rosto em sua direção, deixando meu nariz muito próximo do dele. Era tão parecido com Lídio, talvez eu pudesse me iludir estando com outro, já que o real eu nunca teria.

— Sim. — Ajeitei-me no sofá, para nos dar uma distância segura e tomei mais um gole da minha bebida.

— Você me chamou atenção desde a primeira vez. Não me pergunte como, mas sei que você é a mesma das outras festas que vim.

— Eu também te reconheci dos outros dias. — Abaixei o olhar, para que ele não visse minhas bochechas corarem de nervosismo.

— Eu tenho trinta e dois anos. E você?

— Vinte e seis. — Soltei um riso nervoso, porque eu me achava velha demais para estar travada, ele era ainda mais velho. — Que loucura!

— Precisar de um ambiente seguro para interagir com adultos que estão pensando em situações nem um pouco recatadas. Sim, é louco, mas também muito oportuno.

— Você faz a Festa da Luxúria parecer com um grupo de apoio a adultos que tem dificuldades em ter intimidade.

— Gostei da comparação. — Ele voltou a me encarar e sorriu de lado. — Mas nem todos aqui estão pelo medo. Gosto de transar, muito.

— Oh! — Olhei para todos os lados, menos para a intensidade que ele demonstrava. Se ele tinha liberdade sexual, o lugar dele não era ali.

— Estou aqui, porque a mulher que desejo, é tão tímida quanto você. — Suspirou e relaxou no sofá, abrindo as pernas e apoiando os antebraços nas laterais. — Já tentei, de muitas maneiras, demonstrar o quanto a quero. Mas ela é invencível, não deve precisar de homem para nada, nem mesmo um orgasmo mais intenso.

— Ela tem família?

— Sim. — Deu de ombros e olhou para o teto. — Quero dizer, ela mora sozinha, eles são familiares que a visitam uma vez por mês e olhe lá.

— Nossa, parece alguém que eu conheço. — Fiz bico, pensando em mim mesma naquela situação.

— Essa pessoa gosta de ser sozinha?

— Sim e não. Está mais para falta de opção mesclado a tudo o que aprendeu com os pais. — Encaramo-nos com reconhecimento, ambos precisávamos de ajuda para lidar uma situação externa. — Posso te falar um pouco do que sei e você

compartilha sobre essa vida... pregressa que você leva e diz gostar muito.

— Trato feito. — Ele estendeu a mão e eu a apertei, sentindo a reação do seu toque por todo o meu corpo. — Sentiu?

— O quê?

— Temos algo aqui. — Ele movimentou a outra mão entre nós e o soltei, preocupada com aquela constatação. — Pode ficar tranquila, eu não vou avançar o sinal. Você já me deu todos os indicativos de que não quer nada sexual, por mais que nossos corpos estejam se comunicando diferente.

— Você é sempre direto assim?

— Eu pedi permissão para ser sincero. — Levantou-se e estendeu a mão, pedindo sem palavras a minha taça. — Quer outra?

— Por favor.

Observei-o ir até a mesa de canto, pegar outras bebidas e voltar para o sofá. Os outros convidados ao redor pareciam irrelevantes perante a grandiosidade daquele diálogo com o desconhecido.

— Então, quer revogar a minha sinceridade ou posso continuar? — Ele me entregou a bebida e voltou a se sentar ao meu lado no sofá.

— Tudo bem, você pode continuar com esse jeito cafajeste.

— Se alguém ouvir, vai achar que eu iludo todas as mulheres com quem eu transo.

— Você namora ou namorou alguma delas?

— Todas que vão para a minha cama só querem um pedaço meu. — Tomou um gole da bebida e não desviou o olhar do meu. — Tinha me acostumado em ser apenas um objeto descartável, até que uma mulher me chamou atenção o suficiente para que eu não aceitasse menos do que ela por completo.

— Deveria falar desse jeito para a sortuda. — Porque comigo estava funcionando, aquele desconhecido estava se tornando tão atraente quanto Lídio.



Marlene

Capítulo 6

Perdi a noção do tempo enquanto conversava com o Cafajeste. Ele parecia ser um homem decente e divertido, que não se intimidava com as minhas repreensões.

Aos poucos fui me soltando. Depois da terceira taça de bebida, eu estava me sentindo leve o suficiente para rir e esquecer que tudo deveria ser sobre sexo naquela festa.

Quando o assunto pareceu esgotado, eu estava me sentindo confortável o suficiente para também confessar alguns dos meus anseios não atendidos.

— Agora que você já sabe que uma mulher tímida e que parece independente também quer um homem ao seu lado, pretende fazer algo sobre isso?

— Sim. — Entortou a boca e colocou o braço em cima do encosto do sofá. — Talvez. Não quero perder o pouco de proximidade que tenho com ela por conta do meu desejo sexual.

— Então, você fica com outras enquanto ela não está disponível?

— Tento me controlar. — Olhou para meus lábios e os umedeci pelo nervosismo. — Na verdade, estou há muito tempo sem me envolver com ninguém. Apenas ela parecia ser a única opção.

— O que mudou?

— Não deveria mudar. — Abaixou a cabeça e se aproximou do meu cabelo falso. — Você me interessa, senhorita. Em outro tempo, eu investiria toda a minha energia em você, que me deu abertura para algo mais. Mas...

— Seu coração bate mais forte por ela. — Suspirei quando ele se afastou para me encarar. — Muito nobre da sua parte, se manter fiel mesmo que não tenham nada. A questão é, será que ela também pensa assim?

— O que a pessoa que você conhece faria?

— Talvez ela esteja buscando uma alternativa para mudar de comportamento. Como não consegue fazer diferente na rotina, buscar algo fora seria uma opção.

— Se divertir com os errados enquanto o certo não vem.

— Mais ou menos isso. Como o artista, que faz muitos rascunhos e rabisca em muitas folhas, antes de fazer a obra de arte. — Inclinei a cabeça no seu antebraço e sua mão foi para a minha nuca, envolvendo o cabelo junto. — Ou isso apenas é uma analogia que não combina com o nosso contexto. Deveríamos ter força o suficiente para conversar com quem a gente gosta de verdade, não nos permitir mais intimidade com desconhecidos vestidos de armaduras.

— Talvez, as máscaras são o completo oposto. Aqui, nos despimos mais do que no dia a dia. — Ele aproximou seu rosto do meu e preendi a respiração, tudo indicava que ele iria me beijar. — Senhorita.

— Oi.

— Como você me chama mesmo?

— Cafajeste.

— Certo. — Sorriu, olhou dos meus lábios para os meus olhos. — Concede essa dança para o pobre iludido à sua frente?

— Si-sim.

Ele se levantou, ajudou-me a ficar de pé e entrelaçou seus dedos nos meus, conduzindo-me para uma área menos iluminada e que tinha um grande tapete como decoração.

Coloquei a mão em seu ombro quando ele parou na minha frente. Usou a outra mão para as unir e levantar, embalando-me de um lado para o outro. Seu olhar de paixão e mistério incendiava meu corpo. O jeito cavalheiresco me fazia lembrar de Lídio, mas nada tinha a ver com aquele amor platônico, porque aqui éramos apenas eu e o Cafajeste, não eram as palavras de duplo sentido que me emocionavam.

“Você quer lutar?

Ou você quer sair vivo?

Todo mundo está escolhendo um lado

E isso só pode acabar de uma maneira”

Kevin McAllister, [SEBELL] – Play Dirty

Meu coração acelerou de um jeito tão bom quanto acontecia ao pensar em Lídio. Sorri para o desconhecido e ele retribuiu,

questionei-me por que não era tão fácil com o meu amor platônico.

— Eu não sei você, mas tenho todos os sinais necessários para me permitir uma ousadia.

— Qual?

— Te convidar para a Festa da Luxúria do fim de semana.

— Pensei que estava aqui para aprender a lidar com sua paixão real.

— Ainda estou. — Virou-nos na pista e inclinou a cabeça. — Você acredita que podemos ter dois amores?

— Não, meu coração é fiel.

— Então, acha que não serei digno da moça tímida pela qual estou apaixonado?

— Seria fácil abraçar o mundo e ter todos os sonhos realizados de uma vez só. Mas o que torna o amor real, é a força de resistir à tentação.

— E a questão de se divertir com os errados enquanto não cria coragem para dar o próximo passo com o certo?

— Temos que ser fiéis, eu não sou moderna a ponto de ter relacionamento aberto e acredito que a mulher que você deseja também não.

— Você parece gostar de limitações.

— Não entendi. — Franzi o cenho e minha respiração mudou de ritmo, eu estava ficando nervosa com o caminho da conversa.

— Gosto da mulher que está sempre tomando conta da minha mente e desejos, mas você apareceu. Não tenho intenção de mudar meu objetivo fora da festa, mas seria idiota demais da minha parte não me permitir.

— Ou seja, a outra não é tão importante.

— Talvez eu não seja digno, nem dela, nem de você. Mas, apenas por hoje, eu queria tentar. — Ele parou de dançar e seus olhos mergulharam nos meus com tanta intensidade, que me paralisaram. — Se você me permitir, eu queria saber se nossos lábios estão na mesma sintonia que nossos corpos e mentes.

— O que vai fazer para descobrir?

— Te beijar. Mas não agora, no fim de semana, sem nossas armaduras.

— Não. — Neguei com a cabeça, dei um passo para trás e meu peito apertou por estar recusando. — Eu...

— Tudo bem. — Ele também se afastou e escondeu as mãos nos bolsos, olhando para o chão e todos os outros lugares, menos para mim. — Podemos continuar com as quartas-feiras, com nossas máscaras e limitações.

— Ou seja, você terá duas mulheres sem intimidade.

— Será que até isso é traição? — Ele me desafiou e eu abri e fechei a boca, em choque. — As cartas estão na mesa, senhorita. Aqui na Festa da Luxúria, podemos experimentar e aperfeiçoar. Enquanto não tivermos nenhum vínculo definido do lado de fora, curtiremos o que construirmos aqui dentro.

— Eu...

— Não precisa me responder agora. — Ele deu um passo largo em minha direção, inclinou a cabeça e beijou meu rosto. — Nos vemos na semana que vem.

Ele se afastou e eu fiquei em choque, querendo que ele avançasse o sinal e me dissuadisse das minhas crenças limitantes. Estava nítido que meus argumentos não tinham força, não havia motivo para me manter casta sem um relacionamento.

Poderia ser imprudente apontar para várias vertentes, a atitude dele se abrir para outras oportunidades, enquanto uma não dava certo, era a mesma coisa que eu fazia.

Estava julgando aquele que agia como eu. Tornei-me minha pior inimiga.

Então, percebi que nem mesmo pelas razões dos meus pais, eu precisava me limitar tanto quanto o fazia. Virei-me para chamar o Cafajeste, mas ele tinha sumido do meu campo de visão. Não o buscaria nos rostos semelhantes, iria buscá-lo na próxima semana.

Só mais alguns dias, então, eu faria o meu movimento.



Marlene

Capítulo 7

Esfregando a roupa no tanque, para dissipar um pouco da raiva que sentia de mim mesma, refletia sobre o que iria fazer na próxima ida à Festa da Luxúria.

Lídio não apareceu mais pela fazenda e meu coração sofria a cada minuto que passava. Por muitas vezes me julguei traidora, que ele deveria conhecer meus passos e não pensava em mim nem mesmo como amiga.

Esfreguei um pouco mais a roupa nas ondulações e molhei minha barriga, a vontade era de chorar, mas alimentei a raiva por todas as incertezas que me cercavam.

— Marlene! — uma voz masculina gritou, tão parecida com o do Cafajeste da Festa da Luxúria, que minha pressão baixou pela surpresa.

Dei passos para trás e apoiei minhas costas na parede, respirando fundo e fechando os olhos. Era apenas uma ilusão, ninguém me encontraria naquela fazenda, eu estava protegida e acreditava no motorista que sempre me buscava.

— Você está bem? — Lídio se aproximou correndo em minha direção, suas mãos apertaram meus braços e meu olhar para seus lábios desviaram minha atenção do medo de ser descoberta.
— Marlene?

— Sim, foi apenas uma queda de pressão. — Forcei o sorriso e me afastei, pisando firme em direção à porta da cozinha.

— Tomarei um pouco de água, você quer?

— Eu aceito, dona. — Ele me acompanhou e, daquela vez, sorri para o apelido e não o repeli.

Talvez, se eu desse a entender que gostava dele por perto, ele me visitaria um pouco mais.

— Você sumiu — comentei, abrindo a geladeira.

— Focado no trabalho, muitas vezes vou dormir de madrugada. E preciso me concentrar no treinamento, ainda não confio na minha perna.

— Pensei que corria pela estrada que une as duas fazendas.

— Não quero atrapalhar sua rotina.

— Oh! — Abaixei a cabeça, desolada por sua visita não ser proposital.

— Mas se você quiser, posso vir todos os dias. — Ele se aproximou, pegou o copo da minha mão e sorriu, daquele jeito suave que aquecia meu coração. — Talvez, cortar sua grama ou alimentar...

— Você não é meu funcionário. — Fechei a cara, servi-me um pouco de água e me afastei, meu humor tinha mudado completamente. — Esquece. O que veio fazer aqui?

— Saudades? — Fez uma careta e tomou todo o líquido do copo. — Eu sei, só falo merda.

— Mentiu?

— Percebendo como você reagiu, pode se dizer que sim.

— O que você queria falar de verdade?

Parei na frente dele, empinei o nariz e o enfrentei. Ele engoliu em seco, ergueu a mão e depois a abaixou, sem me tocar ou revelar o que estava entalado em sua garganta.

Dei de ombros e passei por ele, saindo da cozinha e voltando para a área de serviço. Peguei a roupa e voltei a esfregá-la ainda mais forte.

— Rute vai fazer um ensopado de galinha e legumes. — Ele apareceu do meu lado e o ignorei, odiava saber que ele morava com uma mulher. — De noite, o que acha?

— Muito legal.

— Legal. — Solto um bufo risonho cheio de sarcasmo. — Entendi. Até mais, Marlene.

— Lídio! — Chamei-o com urgência, queria ser eu aquela que lhe fazia o jantar.

Quando se virou e me encarou, eu só pensei no mascarado, naquele outro que tinha me contado muitas coisas e iria me beijar. Ele era o errado, que me ensinaria a lidar com o certo.

— Você vem? — ele perguntou, esperançoso.

— Fim de semana minha irmã e sua família virão. Eu... preciso preparar tudo.

— Tudo bem, vou te dar espaço.

Ele saiu correndo e eu queria gritar de frustração, porque a intenção era convidá-lo para estar comigo, não que se afastasse. Por que era difícil com ele? Que chão era aquele, cheio de ovos e espinhos, que existia entre nós?

Terminei de lavar a roupa, estendi e andei pela casa, não encontrando nada para fazer. Poderia ligar a televisão e assistir ao único canal disponível. Minha irmã queria que eu tivesse internet e pudesse assistir aos canais digitais, todavia, a tecnologia me assustava.

Fui para a horta, o jeito era me entregar ao labor da fazenda. O verde trazia esperança e a vegetação era tão mais fácil de lidar, que cogitei, de forma irrefutável, que minha vida era ser sozinha.

Pulei o almoço, andei pela estrada e me vi seguindo um caminho que a mente não tinha coragem de fazer, mas quando a alma tomava conta, ela me levava até ele.

Avistei a casa da Irmandade Horus e encarei o céu, pela altura do sol, ainda faltava muito tempo para o fim da tarde. Eles não me esperavam para o jantar, seria muita arrogância da minha parte chegar sem avisar. Minhas pernas tinham mais força de vontade que minha negação, então, eu só segui.

Uma mulher bonita e com roupas coladas ao corpo saiu pela porta da casa. Os cabelos esvoaçantes e os pulinhos animados indicaram o quanto ela era diferente de mim. Parei meus passos e deveria recuar, mas ela me avistou e acenou, simpática.

— Merda — murmurei, querendo fugir ao mesmo tempo que aguardava a aproximação da moça.

— Oi! — Ela parecia ter a mesma idade da minha irmã, jovem demais para lidar com um homem como Lídio. — Você deve ser a moça da fazenda do lado.

— Marlene. Você é Rute?

— Sim. — Ela parou na minha frente, ofegante e estendeu a mão para que apertasse. — Achei que não viesse para o jantar.

— E não vou, tenho outras coisas para fazer. — Forcei o sorriso quando ela reagiu com surpresa, devo ter parecido grossa. — Mas vim oferecer os produtos da minha horta.

— Ah! — Seu sorriso ampliou. — Eu aceito. Adoro cozinhar e queria montar uma horta aqui no quintal.

— Venha, Rute, eu te ajudo. — Virei e comecei a andar, ela me acompanhou.

— Obrigada. — Deu pulos animados, Rute era muito mais interessante do que eu. — Espero arrancar um sorriso do Lídio dessa vez. Já o viu sorrir?

— Acho que nunca reparei.

Meu coração se apertou ao constatar naquela disputa, eu não tinha chances. Lídio nunca se interessaria por mim, meu destino era viver uma aventura desapegada com o Cafajeste da Festa da Luxúria.



Marlene

Capítulo 8

Meu coração estava acelerado de uma forma diferente naquela noite. O motorista tinha sido silencioso demais e eu também não estava animada para conversas, apenas encerramento.

Seria minha última vez naquele apartamento, onde desconhecidos se vestiam com roupas e perucas para não serem reconhecidos. Da pior forma, tinha percebido que nunca iria me libertar das crenças que me foram impostas, como aconteceu com Patrícia. Minha irmã era bem melhor e mais evoluída do que eu.

Doía saber que eu seria apenas a tia, aquela que seria visitada de vez em quando e lembrada quase nunca. Era arrasador reconhecer que não havia felicidade ou mudança na minha jornada, eu tinha que parar de buscar e começar a aceitar.

Mas não sem uma despedida. Minha última vez, falando com o Cafajeste e, quem sabe, tocar sua mão ou o seu rosto. Apesar de estar encantada com aquele desconhecido, meu coração ainda pulsava dolorido para Lídio. Suas visitas estavam cada vez mais esporádicas. Eu não conseguia falar com ele sem reclamar ou chamar sua atenção, eu parecia uma adolescente que não sabia expressar suas emoções.

Bem, eu não era tão jovem, mas tinha uma grande dificuldade de dizer que o queria para algo mais. Na verdade, era

medo da intimidade e o quanto de devassa eu poderia me transformar.

Ajeitei a peruca na cabeça e saí do elevador, estava se tornando uma rotina confortável, uma pena que eu iria interromper. A música alcançou meus ouvidos quando entrei no apartamento e estranhei a ausência de pessoas, por mais que tudo estivesse organizado.

Será que eu tinha chegado cedo demais?

“Seus olhos pareciam vazios

Você não me viu

Eu sabia que era ruim, mas pedi sua mão

Então dançamos por uma ou duas horas”

CHO, Marina City, Ryan Argast – Love & War

Fui até a mesa lateral, peguei uma das taças de bebida suave e transparente. Tomei um gole e fui andando, até chegar no corredor que nunca ousei aproximar. De uma das portas um homem saía. Assim que seus olhos encontraram os meus, sabia que era o Cafajeste.

Tentei sorrir, mas deve ter parecido uma careta, porque ele enrugou a testa e ajeitou o paletó enquanto caminhava em minha direção.

— Oi — ele cumprimentou, suave. — Tudo bem?

— Onde está todo mundo? — Olhei ao redor e me bati mentalmente, tinha sido sem educação. Custava eu cumprimentá-lo antes das perguntas? — Quer dizer... oi, tudo bem sim e você?

— Hoje somos só eu e você. — Ele parou na minha frente e seu cheiro me enebriou. Ergui a cabeça e senti como se estivesse na frente de um homem que eu conhecia muito mais do que a superfície. — Tudo bem ser assim?

— Por quê?

— Achei que não viria. Prometi a mim mesmo que não faria nada além de encerrar esse assunto entre nós, estava disposto a confessar meus sentimentos para aquela mulher de quem falei.

— A tímida.

— Exato. — Desviou o olhar brevemente e sorriu, ele deveria gostar muito dela e eu desejava que alguém sentisse o mesmo por mim. Mas não, eu tinha desistido e não ficaria resmungando pelo que não tinha. — Então, você convocou o motorista e eu achei melhor encerrarmos esse assunto de outra forma.

— Como?

— Dançando. — Pegou minha mão, entrelaçou nossos dedos e me conduziu para a pista, como um verdadeiro cavalheiro. — Talvez, falando sobre coisas que não vão te chatear.

— Será um encerramento?

— Se é o que deseja, sim. — Ele me balançou de um lado para o outro.

— Se eu falasse que queria mais, você abandonaria a outra mulher? Não gostava tanto assim, então. Demonstra que é um verdadeiro cafajeste.

— Aceito o título e todas as palavras que quiser me dar, se depois, você abandonar suas armas emocionais.

— Eu não... — Franzi a testa e senti meu rosto esquentar, porque ele tinha razão, era mais fácil acusar do que reconhecer que eu queria algo que me tirava da zona de conforto. O que ele fazia da vida dele não era problema meu, nem nos conhecíamos. — Tudo bem, sem adjetivos depreciativos.

— Sem julgamento.

— Confesso que é difícil não pensar nas consequências do que executamos aqui.

— E o que acha que estamos fazendo?

— Traindo.

— Não vejo aliança em nossos dedos, muito menos foram feitas promessas. Ou você fez?

— É... — Fiz bico e ele sorriu.

— Além do mais, conversamos e dançamos, algo que poderíamos fazer com qualquer um.

— Mas as intenções estão no ar. Eu quero te beijar e você deve pensar em muito mais.

— Muito. — Ele parou de dançar e levou sua mão para a minha nuca, com o cabelo entre nós. — Nem sempre o pensamento

é possível controlar, mas as ações resultantes deles, sim. Permita-se, apenas por hoje. Sinta, toque, pense e ouça sem analisar cada movimento feito.

Meu Deus, eu queria. Meu coração continuava com a batida eletrizante, querendo aceitar sua proposta indecente. Eu não o conhecia, ele também não sabia da minha origem e, depois que eu voltasse para minha casa, nunca mais pisaria naquele apartamento.

Como em um sonho, eu poderia fazer o que quisesse e voltar para a minha vida no outro dia. Longe dos olhos dos outros, distante até do meu lado mais exigente.

Respirei fundo e me aproximei, o Cafajeste ainda não tinha entendido o que eu queria.

— Vai me beijar ou eu vou ter que pular no seu pescoço para entender o que eu quero?

Tinha sido o suficiente para que ele inclinasse a cabeça e unisse nossos lábios, com uma pressão abrasadora. Meu corpo inteiro se arrepiou, sua mão apertou ainda mais meu pescoço e a música que tocava no momento chegou no ápice.

“Sim, eu posso incendiar minha mente

Quando as paredes estão desmoronadas

Você está deitado na calçada

Quando não há como escapar

Eu posso incendiar minha mente”

Mel Ody, Like Lions – Set My Mind On Fire

Eu também estava pegando fogo, por todos os pontos que me conectavam com aquele desconhecido. Liberei ainda mais as informações alheias ao momento, éramos apenas nós dois.

Sua língua entreabriu meus lábios, fazendo com que iniciássemos uma dança sensual. Meu núcleo pulsou, tão forte e intenso, que arfei e afastei, apenas para buscar ar e voltar a beijá-lo com tanta intensidade quanto ele fez inicialmente.

Era quente, frio, úmido e seco, todas as sensações em apenas alguns segundos. Seu braço circulou minha cintura e minhas mãos foram para seus ombros, duros e resistentes, meus dedos os pressionavam para descobrir ainda mais daquele homem.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas enquanto nos beijávamos. Não era mais sobre curtir o momento, mas explorar o que cada um estava disposto a ofertar. Gemi quando apertou cada ondulação até chegar na minha cintura e descer para os quadris, eu não queria que ele parasse, porque a sensação estava boa demais.

Se eu não cedesse naquele momento, nunca mais teria uma oportunidade. Precisava ter coragem para que fosse minha primeira e última vez, para sonhar pelo resto da minha vida.



Marlene

Capítulo 9

Quando ele me puxou ainda mais próximo do seu corpo, senti uma protuberância e dei um passo para trás, interrompendo nosso momento sedutor. Estava com falta de ar, mas era uma sensação boa que não queria que parasse.

Olhei para sua virilha e vi o volume na calça. Tentei evitar as crenças sobre... sobre uma ereção. Caramba, era só por uma noite, não daria atenção para nada além do que estava na minha frente.

— Quer tocar? — ele perguntou, a rouquidão da sua voz me tocava da mesma forma que suas mãos possessivas.

— O quê? Eu? — Umedeci os lábios e ele sorriu, colocando as mãos nos bolsos. Eu não desviei o olhar daquela região, por mais que a vergonha quisesse dominar. — Acho que... — Pisquei os olhos rapidamente e encarei seu rosto. — Acho que tinha uma regra sobre não poder confraternizar com tanto entusiasmo, para não constranger os outros convidados.

— Estamos apenas nós. — Ele ergueu os braços ao seu lado e olhou ao redor. — Que tal criarmos nossas próprias regras? Talvez, isso te deixe ainda mais relaxada, para me dizer o que fazer.

— Você pode me beijar.

— Ótimo. — Ele se aproximou, roubou-me um beijo e sorri enquanto ele me rodeava. — Só na boca ou o pescoço também?

— Não quero que tire minha peruca. — Coloquei as mãos nos fios loiros e ele parou na minha frente, concordando com a cabeça.

— Vamos manter as armaduras, tudo bem para mim.

— Assim não vou conseguir ver o... — Indiquei sua virilha com o queixo e ele desafivelou o cinto.

— Posso mostrar apenas o suficiente. — Esticou a mão na minha direção e coloquei a minha palma na dele. — Venha, vamos para um dos quartos.

— Você está pensando em fazer...

— Sexo? Talvez. — Ele me conduziu e caminhei relutante. — Você quer ver meu pau, ele sabe ser muito persuasivo quando quer.

Tive que rir, era instigante ao mesmo tempo que divertida toda aquela conversa.

Entramos no quarto, havia uma cama encostada na parede, no meio do quarto. Deveria me assustar, mas me transformei em uma mulher curiosa quando ele me soltou, sentou-se na beirada e expos seu sexo.

Pênis. Pau. Caralho. Aos poucos, aquelas palavras foram normalizando na minha mente e meu coração foi acalmando, porque não era mais um mistério, aquela parte do corpo masculino estava disponível para apreciação.

— Venha, ele é todo seu por essa noite.

Ajoelhei-me à sua frente, sem perceber que a posição se tornava cada vez mais obscena. Troquei um olhar submisso com o desconhecido e ele me transmitiu confiança, colocando as mãos apoiadas atrás de si.

— Pode tocar — ele ofereceu, sedutor.

— E se...

— O máximo que pode acontecer, é eu gozar. — Antes que eu fizesse uma careta, ele umedeceu os lábios e sorriu. — Esqueça tudo o que você ouviu falar, apenas veja com seus próprios olhos e tire suas conclusões.

Minha mão foi devagar até a base. Era firme, de textura suave e temperatura amena. A palma formigou, subi e descí, apreciando o movimento e a flexibilidade da pele ao redor do membro. O Cafajeste arfou quando eu subi até a cabeça, depois descí. Ao constatar que o estava masturbando, abri a boca em choque.

— Agora, é só vir mais para a frente e o chupar com esses lábios magníficos.

Tão empolgada, que nem pensei, apenas obedeci. No primeiro toque da minha língua e o salgado atingiu meu paladar, afastei-me assustada. O Cafajeste continuava na mesma posição, sua respiração estava mais agitada, mas não parecia com pressa ou decepcionado.

— Tem sabor.

— Sentiu o gosto do líquido pré-ejaculatório. Mas acho que você não quer uma aula de biologia, por isso só vou dizer o que

todos costumam falar, é o prenúncio da excitação, minha porra.

— Não é tão ruim.

— Então, continua. Está gostoso para mim também.

Mordi o lábio inferior, ele mudou a inclinação da cabeça e precisei de alguns segundos para me recompor e continuar. Lambi, suguei e beijei, apreciei o vai e vem e me esbaldei daquele homem. Tudo o que eu tinha de receio sobre aquele ato tinha ido embora, porque eu estava no comando e fazia do meu jeito.

Quando me senti satisfeita, levantei-me e tomei fôlego, pronta para conhecer mais sobre a intimidade entre os casais.

— Quero sentir o seu sabor também. — Ele estendeu o braço e neguei com a cabeça. — Só levantar um pouco o vestido, eu me escondo entre suas pernas e você apreciará minha língua.

— Acho melhor não. — Abaixei a cabeça e encaixei suas pernas entre as minhas. Coloquei as mãos na máscara preta, senti a quantidade de cabelo e lembrei-me de Lídio e seus longos fios. Droga, ele não tinha espaço naquele momento proibido. — Eu queria saber se você cabe em mim.

— O corpo humano é perfeito. — Ele tocou minha cintura e me encarou, esperando permissão ou algum impedimento. — Tenho certeza de que encaixará.

— E como acontece?

— Não quer fazer deitada? — Ele alisou minhas laterais e me arrepiei. Tinha ficado tensa, estava mais disposta a findar o ato e ir para casa do que curtir. — O que te prende?

— Minha mente. — Envolvi seu rosto com as mãos, aquele olhar era tão acolhedor e familiar. — Eu quero fazer, preciso ter essa lembrança, mas estou no meu limite. Qualquer coisa mais relaxada, eu vou surtar.

— Entendi. — Beijou meu antebraço com carinho. — Tudo bem, eu consigo fazer rápido e inesquecível.

— E que não seja tão sofrido. Meu limiar para a dor é alto, mas...

— Terei que tocar sua boceta para que seu corpo aja sem dar atenção para os seus pensamentos. — Ele me implorou com o olhar e acenei concordando, soltando seu rosto e dando um passo para trás, para colocar as mãos por debaixo do vestido e tirar a calcinha. — Quanto mais excitado seu corpo estiver, mas lubrificação e relaxamento você sentirá, involuntariamente.

— Entendi, pode fazer. — Voltei para a posição e ergui um pouco o vestido, para me sentar no seu colo. — Sinto muito por ser tão problemática.

— Por mais que me sinta seguro nos números, eu me atraio de forma irrevogável para o complexo. — Ele tocou meu rosto e sorriu de forma amorosa. — O que você enxerga como defeito, eu vejo como parte do que te faz especial.

Engoli em seco, aquela declaração tinha chegado até meu coração. Induzida pelas palavras apaixonantes, ajeitei-me em seu colo e seu dedo encontrou um ponto pulsante.

Meu olhar nunca deixou o dele quando esfregou de forma circular a região. Ele estava ofegante e eu criava uma expectativa

de quando começaria a doer em efetivo.

Quando fechei os olhos e tentei controlar meus gemidos, por conta da ebulição iminente que estava chegando, ele pressionou a região e mergulhou um dedo, deixando-me alerta.

— Pode gozar, você é maravilhosa sentindo prazer.

Rodeou um braço em meu quadril e joguei minha cabeça para trás, não reconhecendo os sons que eu emitia. Meu corpo estremeceu ao mesmo tempo que todas as terminações nervosas puderam ser sentidas, até mesmo o sangue correndo em minhas veias era detectável. Rebolei descontrolada, eu nem sabia que existia uma sensação tão potente.

Ele me ergueu apenas um pouco e senti a pressão entre minhas pernas. Abracei seu pescoço, tomei sua boca e ele me conduziu, no vai e vem, sobe e desce.

Mordi seu lábio e fui mais agressiva a cada sensação de ardência. Ele não parecia incomodado, porque as sequências de quicadas em sua ereção só aumentaram. Apoiei meus pés no chão, colaborando para o ritmo e curtindo mais do que sofrendo.

Meu amante gemeu, apertou meus quadris com força e me freou no sobe e desce. Senti-o pulsar, ele soltou meus lábios e apoiou sua testa no meu pescoço, gemendo alto e másculo.

Ele me abraçou forte e manteve o rosto escondido no meu pescoço. A onda de luxúria se dissipou e eu aproveitei, breves segundos, sendo uma mulher livre de qualquer julgamento.

Então, eu me levantei, recolhi minha calcinha, tentei não ficar encabulada por conta do que escorria entre minhas pernas.

Ainda bem que o Cafajeste não disse nada, eu me virei e fugi, porque meu tempo de ousadia tinha acabado.

Eu seria eternamente condenada por aquele ato.

Lidia



Capítulo 10

Como algo tão bom poderia me fazer sentir tanta culpa? Não bastava a sensação de rejeição, eu tinha que puxar Marlene na memória e o quanto eu não era digno daquela mulher.

Deixei que o tesão falasse mais alto. A desconhecida ultrapassava todas as barreiras, elevava minha estima e me fazia sentir importante. Então, ela se igualou a tudo e todos, deixando-me sozinho para debater sobre o sexo mais intenso que eu tinha feito – e ainda estava de roupa.

Deitei-me na cama e apreciei um pouco a solidão. A música que tocava combinava com meu humor, eu precisava me recompor, ou perderia no lado pessoal e no profissional.

“Eu sinto que já estive aqui antes

Eu sei seus nomes, todos os seus rostos e muito mais

E isso parece uma faca dentro do meu coração e

Todo o olhar nos olhos começa a escurecer

Eu, eu, eu

Não tenho onde me esconder”

Kuoga., Harley Bird – Crazy

Estava na hora de assumir alguma missão que me levasse a campo, o tempo de recuperação já tinha passado e meus avanços com Marlene não me levariam a nenhum lugar, apenas a me afundar.

Transar com outra mulher me abalou, ainda mais porque a desconhecida tinha tudo o que eu gostava. Ela seria perfeita, se não tivesse fugido antes de termos conversado.

Pelo visto, eu só desejava o que não era para mim. Sempre na mão contrária ao que parecia ser destinado.

Levantei-me, fui ao banheiro e tirei a máscara. Desamarrei o cabelo e deixei os fios soltos e rebeldes, meu reflexo no espelho me mostrava o quanto eu precisava assumir a direção da minha vida.

Saí do quarto, passei pelo corredor e encontrei o Cameron Reynolds apoiado na porta que dava acesso à sacada, sem o traje padrão do dia. Normalmente, ela ficava fechada e era um dos locais proibidos. Pelo visto, ele estava ali desde o início e gostava de observar.

— Boa noite, senhor. — Acenei com a cabeça e continuei em direção à saída do apartamento.

— Correu tudo bem? — Ele desencostou e parei de andar, para o encarar. — Sua acompanhante saiu apressada demais.

— Se está preocupado que a forcei a algo, não. Como combinado, para que a noite fosse apenas nossa, deixei que controlasse todos os momentos.

— Sim, eu vi o início. — Ergueu uma sobrancelha e cruzei os braços, desaprovando sua espionagem. — Mas não invadi a

privacidade de vocês no quarto. — Virou o rosto para a porta, preocupado. — Ela parecia abalada.

— Mudar padrões e crenças impostas é um ato de coragem. E mesmo que vença todas as barreiras, continuará com a sensação de que está traindo seus valores. — Respirei fundo e observei o reconhecimento em seus olhos. — Não sei a história completa, mas do pouco que conversamos e a minha experiência com mulheres tímidas, ela está lidando com os próprios conflitos, não que a experiência sexual tenha sido ruim.

— Pelo visto, ela não voltará semana que vem.

— Nem eu. — Neguei com a cabeça e surpreendi o empresário gringo. — Vou acionar a Irmandade Horus, está em tempo de voltar para as missões de campo.

— Já vi essa história antes, Lídio. — Sorriu de lado. — Aconteceu algo parecido com Jay. O resultado você já sabe.

— A diferença é que ele sabia muito bem por quem o coração dele batia mais forte. Eu tenho duas mulheres e ambas mexem comigo. Ou seja, estou fora de jogo e desequilibrado. — Aproximei-me e estendi a mão para um cumprimento de despedida.

— Quem está no olho do furacão não percebe a calmaria que está ao redor. Mas você verá, é inteligente o suficiente.

— Muito obrigado pelo trabalho provisório. Falarei com Gael para encontrar alguém qualificado para assumir meu posto.

— Até breve.

Afastei-me saudoso, desci pelo elevador e cumprimentei a recepcionista que aguardava o último convidado da festa. Segui até a calçada, caminhei ao redor do terreno do edifício antes de subir na minha moto e guiar para a fazenda.

A viagem foi rápida, por mais que levasse muitos minutos. Resisti à tentação de ir até Marlene, ela não merecia que a visse logo depois que estivesse com outra mulher. Caralho, se algum dia eu a merecesse, depois daquela noite, não mais.

Estacionei a moto na área coberta e entrei na casa, que tinha som alto e as mulheres se divertindo na sala. Eu até participaria, se não estivesse tão abalado.

— Lídio! — Rute deu pulos em minha direção e ergueu o copo. — Chegou cedo!

— Oi. — Abracei sua cintura e forcei um sorriso. — Preciso descansar, amanhã tenho um compromisso.

— E desde quando você precisa dormir cedo? — Marceline dançou e puxou sua amiga para próximo, uma vez que eu não parecia disposto a participar. Elas estavam cada vez mais soltas enquanto eu me fechava emocionalmente. — Se precisar de um ombro amigo, tem dois aqui.

— O momento é de vocês, eu só iria atrapalhar. — Apontei para o corredor de quartos e caminhei na mesma direção. — Boa noite, senhoritas. Não precisa diminuir a bagunça por minha causa.

— Até porque, você está mais do que convidado a fazer parte. — Rute apontou para mim e começou a cantar, elas riram e eu as deixei sozinhas, me recolhendo no quarto.

Deveria tomar um banho, mas queria sentir o cheiro da mulher até o último átomo de aroma que estivesse em meu corpo. Tirei o paletó, os sapatos e a camisa, peguei o notebook e coloquei o fone de ouvido, indo até a cama para me sentar.

Acomodei-me no colchão, com as costas na cabeceira e acionei a rede particular da Irmandade Horus. Mesmo sendo madrugada, sempre tinha um irmão de plantão para conversar ou acionar para emergências.

Sorri quando percebi quem estava on-line, era Jay. Digitei uma mensagem e esperei a resposta, que veio rapidamente.

Lídio>> Estou pronto.

Jay>> Que bom, irmão. Estávamos ansiosos pela sua recuperação.

Lídio>> Voltarei para a sede da Irmandade amanhã, assim que acordar. As mulheres estão bem aqui no campo, protegidas.

Jay>> Gael diz o mesmo. Vincenzo e Ivan estão pensando em expandir o local, o condomínio já está cheio e temos uma nova demanda de protegidos. A família está crescendo.

Lídio>> Katherine está grávida novamente?

Jay>> Não, mas estamos planejando.

Lídio>> Como está a vida de casado?

Jay>> Tão boa, que tenho pena dos solteirões como você. Estou surpreso que Rute e Marceline não tenham te fiscado. Ou você é nerd demais para convidar uma delas para ser seu player dois.

Lídio>> Prioridades primeiro. Quero voltar à ativa e retomar as rédeas da minha profissão.

Jay>> Uma atitude fora do padrão, depois de passar muito tempo demonstrando o quanto não era capaz para estar em campo. Vai me contar agora ou quando voltar.

Lídio>> Contar o quê?

Jay>> Lembra do conselho que você me deu, quando eu tinha dúvida sobre o que eu sentia por Kath? Mulheres gostam que sejamos diretos. Quem tem que ter iniciativa somos nós.

Lídio>> Nem tudo é sobre o amor.

Jay>> Tudo é sobre ele. Quando ele não está presente, não há diálogo, nem vida.

Lídio>> Virou terapeuta?

Jay>> Não, apenas um homem apaixonado pela família que formou. Estou aqui para o que precisar, irmão. Agora ou durante, você escolhe.

Lídio>> Até amanhã.

Encerrei a conversa, fechei o notebook e suspirei, sentindo a tristeza tomar conta da minha razão. Jay estava feliz, superou

seus traumas, suas falhas e se permitiu amar. Era o que eu tinha em mente, até me entregar para a luxúria, sem pensar nas consequências.

Será que eu deveria ir me despedir de Marlene? Não, era melhor que achasse que eu fora um idiota ingrato, me esquecesse, porque seria mais fácil conviver com sua raiva do que a ilusão do seu amor.

Deixei o notebook no chão, junto com o fone de ouvido e deitei-me na cama, ouvindo a música ao fundo e me deixando levar pelo cansaço. Seria meu último dia de lamentação e sofrimento, quando eu retornasse para a sede da Irmandade Horus, eu tinha a obrigação de voltar a ser o Lídio de sempre.

“Bem-vindo ao show onde meus demônios fluem

Nunca venda nossas almas, nunca seja controlado

Aderindo ao plano fica tão velho

Vivemos todos os dias como se estivéssemos vivendo uma vida inteira

Não importa, nós seguimos nosso próprio caminho

Onde meus capangas estão”

Kipher – Goons



Marlene

Capítulo 11

Três meses depois...

Passei o antebraço na testa, para tirar o suor que escorria em meus olhos e voltei a esfregar a roupa no tanque. Mesmo com máquina de lavar, nos últimos meses eu tinha optado por esfregar cada peça de roupa, cama, mesa e banho, apenas para que o tempo passasse mais depressa.

Agradei ao sono, que me dominava a cada banho que eu tomava. Às vezes, ficava só com a toalha, de tanto calor que sentia ou pela exaustão que me dominava.

E ainda que eu cuidasse da minha alimentação e estivesse comendo o mesmo de sempre, eu estava engordando. O trabalho braçal precisava me manter em forma, senão eu seria a tiazona solitária da fazenda.

Enxaguei e torci a toalha, olhando para longe e esperando por alguns segundos. Depois, segui para o varal e me bati mentalmente, por aguardar a vinda do homem que tinha me abandonado.

Rejeitada.

Por mais que fosse uma amizade superficial, eu fazia o café a mais, porque sabia que ele poderia vir. As fornadas de salgados e

doces, também eram em quantidade maiores, porque Lídio poderia aparecer.

Não conseguia evitar pegar no pé dele, além de ser muito bruta, mas eu achava que estávamos em sintonia. Então, as conversas começaram a ficar muito filosóficas, eu frequentei aquela festa proibida e mudamos.

Estávamos distantes. Perdi meu amigo e o único possível pretendente, mesmo que ficasse apenas em meus sonhos. Nunca consegui me expressar e, ainda por cima, entreguei meu corpo a outro. O Cafajeste da Festa da Luxúria era tão parecido com Lídio, que criei uma ilusão que pudesse ser ele, fizemos sexo e... nada.

Tudo acabou, a culpa ficou em meu peito e eu perdi parte do que me motivava a acordar todas as manhãs.

Coloquei a mão na parede e fechei os olhos brevemente, as tonturas queriam me dominar. Estava muito calor, mas isso não diminuiria meu trabalho, eu só tinha que tomar mais água.

Fui para a cozinha, abri a geladeira e minhas pernas bambearam, caí de joelhos no chão. A dor tinha sido tanta, que lágrimas escorreram dos meus olhos e uma enxurrada de emoção me dominou. Será que eu estava doente? Longe de tudo e de todos, algo poderia acontecer e ninguém tomaria conhecimento imediato.

Encolhi-me no chão e chorei, alto e sofrido, por ser tão sozinha. Queria ter alguém, minha própria família, mas nem disso era digna e estava fadada a me transformar em uma tragédia grega.

— Marlene! — ouvi a voz preocupada de Lídio e não me movimenter, minha cabeça deveria estar pregando peças. Passos

apressados aumentaram de volume e eu chorei ainda mais, porque nunca teria o real. — Meu Deus, Marlene!

Assim que mãos firmes me rodearam e fui levantada, esperneeiei assustada e nos desequilibramos. Abri meus olhos e me deparei com Lídio, de barba rala e cabelo longo, do jeito desleixado que sempre o tornava atraente.

Era ele. ERA ELE!

Parei de me mexer e comecei a esmurrar seu peito e ombro. A vontade era de puxar o cabelo e morder, mas ficaria na agressão controlada.

— Por onde andou? — Ele me colocou no chão e voltei a agredir seu corpo. — O que está fazendo aqui? Por quê? POR QUÊ!

Entre lágrimas, batidas e sofrimento, Lídio segurou meu rosto e me encarou. Estava farta, meus ombros relaxaram e meus braços caíram ao meu lado. Ele limpou minhas lágrimas com seus polegares, sua testa estava franzida e os lábios, tão convidativos, que eu só queria ser beijada.

— Eu tô exausta — soltei como um desabafo e apaguei.

Tudo ficou escuro, uma grande neblina assumiu minha mente e perdi a noção de tempo e espaço.

Quando recobrei a consciência, estava na minha cama, o sol ainda estava iluminando meu quarto e havia algo diferente no cômodo. Piscando várias vezes, virei-me na cama e encontrei Lídio, sentado próximo dos meus pés. Sua mão pesada e quente

segurava meu tornozelo, que estava exposto bem como minhas canelas, porque eu usava um short largo e blusa grande.

— O que aconteceu? — Tentei me sentar, mas a tontura me atingiu novamente e suspirei.

— Você precisa se hidratar. — Ele se levantou, foi até a cômoda de cabeceira e me serviu um grande copo com água fresca. — Aqui.

— Sim, eu estava indo fazer isso quando você chegou. — Apoiei-me em um dos cotovelos e aceitei o que me oferecia. Tomei tudo rapidamente e pedi mais, lembrando que não tinha sido uma aproximação amistosa, Lídio presenciou o meu pior. — Sinto muito pelo que viu, eu estava...

— Também senti sua falta. — Ele me serviu mais água e se sentou. — Além disso, estou irritado comigo, por não ter aparecido antes ou ligado. Eu não achei que você gostava de mim.

— Eu me importo, é diferente. — Estava com o ego ferido e vestida com as minhas armaduras emocionais. — Sei que você tem suas coisas, só estranhei que se passou tanto tempo sem vir aqui.

— Três meses. — Abaixou a cabeça e pegou o copo da minha mão quando terminei de tomar a água. — Tomei a liberdade de conferir seus sinais vitais, enquanto estava desmaiada. — Ergueu a cabeça e mostrou o relógio. — Com isso no pulso, eu descubro algumas coisas, como a falta de água. Também ferro e vitamina B.

— Esse negócio consegue fazer tudo isso? — Franzi a testa e consegui me sentar, sem sentir tontura. — Não me dou bem com

tecnologia.

— Tudo bem. — Ele fez uma cara de cachorro que caiu da mudança e eu estava tentada em dizer algumas coisas. Mas, como sempre, o medo conseguiu me impedir de ir além. — Como tem passado?

— Bem. Consegui voltar à ativa e as missões de campo tiveram sucesso. — Sorriu, mas a alegria não alcançava seus olhos.

— Que ótimo. Isso quer dizer que sua perna está recuperada. — Olhei para todos os lugares e meu coração acelerou ao ver a caixa com a roupa da Festa da Luxúria na parte de cima do guarda-roupa. Voltei meu foco a ele e forcei o sorriso. — Veio tirar férias?

— Mais ou menos.

— Quer tomar café? — Virei o corpo e coloquei minhas pernas para fora da cama. Assim que meus pés alcançaram o chão, a tontura retornou. — Ainda bem que tenho gengibre, vou fazer um pouco de chá para mim.

— Eu gostaria de levá-la para um médico.

— Não preciso disso — rebati, irritada.

Tentei andar, ele veio para próximo e o afastei com movimentos irritados das minhas mãos. Se eu comesse a depender dele, quando fosse embora novamente, eu me despedaçaria mais do que já estava.

— Me deixe te ajudar, Marlene.

— Pra quê? — Coloquei as mãos na cintura e o enfrentei, empinando meu nariz. Ele soltou o ar com força em resposta e fui para a cozinha, mais equilibrada. — Não se preocupe comigo, eu lido com minhas enfermidades sozinha. Essa não será diferente.

— Tudo bem. — Ele passou por mim, foi até a jarra de café, tirou uma caneca do escorredor e se serviu. — Um passo de cada vez, eu consigo.

— Falou comigo?

— Se servir, sim. — Ele sorriu um tanto cafajeste e tomou um gole do líquido preto.

Revirei os olhos e fui até o armário onde guardava as raízes dos chás. Pelo menos ele tinha voltado ao normal, de como interagíamos antes dele ter desaparecido.

Peguei a chaleira, coloquei água e deixei fervendo. Sentia seu olhar e atenção a cada movimento que eu fazia. Mesmo que eu quisesse surtar novamente, estava respirando fundo e me mantendo firme.

— Marlene.

— Lídio — falamos juntos e rimos.

— Primeiro as damas.

— Estou lavando roupa e mais tarde vou buscar o que irei fazer de almoço. Vai ficar?

— Sim.

— Sua vez de dizer.

— Há quanto tempo está tendo essas tonturas?

— Foi apenas hoje, pelo calor. Bebi água e tomarei mais, além do chá. — Para exemplificar, servi-me mais água e encarei enquanto tomava outro copo. Ele continuou no café e encostado no balcão.

— Posso fazer algo para te ajudar?

— Sabe lavar roupa?

— Sim, mas eu pensei que a máquina de lavar poderia fazer tão bem quanto minhas mãos. — Virou toda a caneca e se colocou ao meu lado. — Me diga o que fazer.

— Preciso de quatro ovos e couve. Eu cuido do resto.

— Sim, dona. — Ele me surpreendeu, colocando a mão grande no meu pescoço e me encarando com intensidade. Era tão parecido com o homem da Festa da Luxúria, por Deus, prometi a mim mesma nunca mais pensar nele.

Seus lábios encontraram minha testa, ele saiu da cozinha e a chaleira apitou, a água estava fervida. Meu coração se encontrava acelerado demais para tomar um estimulante como aquele, por isso fiz o chá e o deixei de lado.

Fui para a área de serviço terminar as roupas. Quando voltei para a cozinha, Lídio já tinha lavado as folhas e me esperava de pé, pronto para agir caso eu caísse novamente.

Ainda bem que ele não falou mais nada sobre ir ao médico ou a exigência sobre os motivos que o levaram a voltar a me ver. Eu

só precisava de um pouco de normalidade para acalmar meu coração.



Marlene

Capítulo 12

Entrei na cozinha, logo após acordar e me trocar, ouvindo um barulho do lado de fora. Abri a janela em frente à pia e encarei Lídio fazendo flexões no meu quintal. Estava sem camisa, com um short que contornava todas as suas curvas e deixava seus músculos mais salientes.

Ele se levantou, bateu as mãos e me encarou com um sorriso encantador. Seu cabelo estava preso e tudo nele era atraente, só eu que não conseguia externar o quanto eu o desejava.

Mas, então, ele seria como aquele que entreguei minha virgindade, uma noite e nada mais. Ambos eram cafajestes, eu não poderia me iludir que um homem como aquele, com a profissão que tinha, não iria buscar estabilidade.

— Bom dia, dona.

— Lídio, não são nem seis da manhã. O que está fazendo aqui? — A vontade de o repreender veio antes da educação. Eu merecia toda a infelicidade do mundo por ser tão amarga.

— Dormiu bem? — Ele se aproximou da janela e apoiou os antebraços, como sempre fazia. Tinha suor na sua testa e seus músculos dos braços me chamaram atenção.

— Sim, eu sei cuidar de mim.

— Que bom. Vou tomar uma ducha ali na área de serviço para entrar e tomar um café.

— Eu nem te convidei! — Coloquei a mão na boca quando o vi arregalar os olhos, ressentido. — Quero dizer... você não precisava ter vindo tão cedo para isso. Desculpa, eu acabei de acordar e não sou uma boa companhia nas primeiras horas da manhã.

— Se você me disser que tudo bem eu ficar, para mim está ótimo.

— Claro. Vou buscar uma toalha para você se enxugar.

— Obrigado, dona.

Revirei os olhos e ele sorriu cheio de malícia, aqueles lábios me lembravam o desconhecido da Festa da Luxúria. Por Deus, deveria esquecer o que aconteceu, mas com Lídio por perto, meu lado despudorado, que dei voz apenas um dia, queria ter um segundo momento.

Putá! Vadia! Ninguém vai querer uma mulher usada.

Os piores adjetivos ecoavam na minha mente. Fechei os olhos brevemente, para calar todas as vozes e fui até o quarto buscar uma toalha. Eu era sozinha, independente e me dei um momento proibido. Não iria tornar uma rotina.

Antes de ir até a área de serviço, coloquei a água para ferver. Quando cheguei até a parte que tinha um chuveirão, dei um grito assustado ao ver Lídio nu. Ele teve a decência de parecer constrangido e colocar as mãos na sua parte íntima.

— Obrigado. — Deu um passo na minha direção e estendeu um dos braços expondo sua intimidade que não cabia apenas em

uma palma. Meus olhos foram atraídos para aqueles pequenos pedaços escondidos. — Se quiser, eu posso mostrar completo.

— Vista-se, Lídio. Sou uma mulher de família! — explodi, consternada.

— Todos somos, ninguém nasce de chocadeira. — Colocou a toalha pendurada na grade da janela, junto com a roupa e ficou de costas. Aquela bunda era bem-delineada e musculosa. — Você está convidada a se juntar.

Saí bufando, pisando firme e com o rosto quente. Um lado meu queria ceder, mas outro, que estava no comando, só pensava em fugir e espantar a tentação.

Eu era adulta e até alguns dias estava reclamando sobre viver e morrer sozinha. Não poderia espantar a única pessoa que estava por perto e me proporcionava uma boa visão, praticamente um colírio diário para os olhos.

Entrei na cozinha, foquei em passar o café e assar alguns pães de queijo, que eu tinha congelado. Tudo era caseiro e eu amava saber que eu plantava e colhia o que me alimentava.

Com o cabelo molhado, ele parou um pouco antes da porta e torceu os fios. Antes de prendê-los, antecipei-me e fui até ele, segurar seu pulso.

— Desse jeito, vai estragar. — Tirei a toalha da sua mão e esfreguei sua cabeça, percebendo só depois o quanto estávamos próximos. Ele me encarava com atenção e seriedade, engoli em seco e tentei não me intimidar. — As pontas estão pedindo um corte. Se quiser, eu posso fazer.

— Não quero incomodar, já te dou trabalho suficiente por roubar café e comida, sem dar nada em troca.

— Você me ajuda.

— O que posso fazer hoje?

Parei de esfregar sua cabeça, os fios estavam menos úmidos. Mesmo que tivesse tomado um banho apenas com água, seu cheiro e virilidade exalavam por todos os seus poros, me atraindo como se fosse uma formiga para o pedaço de bolo de chocolate caído no chão.

Lídio parecia muito mais atraente depois de tanto tempo longe. Só de lembrar sua ausência e no tamanho da minha saudade, dei um passo para trás e fechei a cara. Ainda estava chateada e, provavelmente, ele me abandonaria mais uma vez.

— Preciso limpar a área dos porcos e o galinheiro, acabei protelando por conta do calor. Você pode me ajudar nisso e te faço, inclusive, o jantar.

— Negócio fechado. — Ele passou por mim e entrou na cozinha, dominando o espaço. — Esse cheiro de café está maravilhoso.

— O pão de queijo está quase pronto. — Entrei na cozinha também, conferi o forno e fui até o banheiro estender a toalha. Antes de me afastar, dei uma longa inspirada, porque o cheiro de Lídio era um ótimo energético para a minha sonolência. — Pode se servir!

— Vai tomar também? — ele perguntou assim que voltei. Neguei com a cabeça e tirei o chá da geladeira que tinha feito no outro dia.

— Pode tomar o seu, ficarei com o meu.

Seu olhar preocupado me acompanhou trabalhar na cozinha. Ele virou a cadeira com o encosto para a frente, se sentou e ficou bebericando a bebida fervente, até que os pães de queijo ficaram prontos.

Assim que se alimentou, ele foi executar a tarefa que o incumbi enquanto eu fazia minha rotina de casa. Fiz o almoço, depois cortei seu cabelo e conversamos amenidades pela tarde, enquanto conferia a horta e a pequena plantação diversificada que eu cultivava.

De noite, ele jantou e só foi embora depois que o expulsei, abrindo a boca sonolenta, uma vez que não tinha cochilado de tarde. Tinha sido um dia especial, controlei minha vontade de responder sempre na defensiva e me senti acolhida, como há muito não acontecia.

Aquela rotina de encontrá-lo logo cedo no meu quintal e passarmos o dia juntos se repetiu por vários dias. Na minha mente, eu perguntava até quando isso aconteceria, em que momento seria seu último dia até iniciar uma nova missão e eu ficar sozinha.

Meu mal-estar vinha e voltava, eu disfarçava muito bem. Tomando os chás e cuidando da minha alimentação, sabia que em algum momento melhoraria. Mas eu sabia que não passaria, porque tinha algo errado comigo. Não só o atraso da menstruação, como o aumento da minha circunferência e a sonolência em demasia.

Em uma das noites que demorei a dormir, peguei o celular e incomodei minha irmã com minhas inseguranças. Aquela conversa

seria impossível com Lídio, ele queria me levar para o médico e eu estava com medo do que já sabia.

— Patrícia? — murmurei, encolhida na minha cama.

— Oi, Marlene. Está tudo bem?

— Acho que não. — Suspirei. — Quero dizer...

— O que foi? Sabia que tinha algo, você nunca recusou minhas visitas de fins de semana. Precisa que eu vá aí? Pelo amor de Deus, minha irmã, eu não sou a melhor das conselheiras, mas sei acolher. Não importa o que seja ou o que você fez, encontraremos uma solução. Eu e você, eu te amo.

— Acho que estou grávida e eu não sei quem é o pai.



Marlene

Capítulo 13

Depois de ficar quase uma hora no telefone com minha irmã, acalmando-a sobre a minha revelação, que tinha sido uma ousadia minha, não um ato de abuso, ela ficou de ligar no outro dia para marcarmos um médico. Tudo o que eu mais temia, porque a confirmação tornaria tudo real.

Acostumada a encarar a Festa da Luxúria como um sonho, saber que tinha sido imprudente o suficiente para transar sem camisinha com um completo estranho, eu tinha engravidado.

Eu duelava com minha mente. Por um lado, eu nunca mais ficaria sozinha, teria alguém para cuidar. Então, o mais prudente e racional berrava a plenos pulmões, que eu seria uma mãe solo e teria que ser mais guerreira do que já era.

Por Deus! Quando eu ousei sair da linha, as consequências vieram como um trem desgovernado.

Sempre fui a mais correta, a que tomava a frente em tudo e minha irmã, a caçula sonhadora, tinha se tornado uma mãe maravilhosa. Amadureceu tanto, que tinha me superado. Mais um motivo para me sentir diminuída.

Mal dormir e não quis sair da cama. Deveria premeditar que Lídio estranharia e invadiria meu espaço pessoal, mas como sempre, eu pensava que as pessoas apenas me abandonariam.

Enrolada na coberta fina, olhando para a porta fechada do meu quarto, eu a vi se abrir cautelosa, revelando o homem rústico e

preocupado.

— Marlene? — ele sussurrou, achando que eu estava dormindo e funguei. — O que foi? Você está bem?

— Só... me deixa, Lídio. — Tampei minha cabeça, para esconder o choro que se iniciou.

Mais parecia uma criança, ferida e buscando conforto. Lembrava-me de quando eu era pequena e meus pais me davam tanta responsabilidade, que no final do dia, eu só pensava em ter um beijo de boa noite antes de dormir.

Senti o colchão se afundar e a coberta ser tirada do meu rosto. Virei-me de costas para Lídio, que não se intimidou com minha introspecção, alisou meu cabelo e depois apoiou a mão pesada e quente no meu ombro.

— Hey, fala comigo.

— Vá embora e não me iluda.

— Eu não vou para lugar nenhum.

— Hoje, né? — Encarei-o por cima do meu ombro e voltei a ficar de costas. — Depois que te arranjam um novo trabalho, você vai e eu vou ficar sozinha novamente. — Virei e apontei o dedo na sua cara. — Nem se despediu! Eu deveria chutar sua bunda e amaldiçoar todas as suas gerações e não oferecer café, te dar comida e cortar seu cabelo.

— Marlene. — Ele respirou fundo e voltei a ficar de costas, estava demais ter que olhar para aquele homem, que me lembrava

o outro e me deixava uma bagunça emocional. — Você... Eu... Caramba, eu também tive dúvidas.

Dei de ombros, ele tirou sua mão de lá e colocou no meu quadril. O calor da palma ultrapassou a coberta fina e aqueceu meu corpo. Fechei os olhos brevemente, estava a um fio de pular em seu colo, fazer o que eu tanto desejava e me afundar em culpa.

Seus dedos apertaram minha carne e suspirei. Ele exalou com força, sua cabeça estava bem próxima da minha.

— Não quero te assustar, mas é a única alternativa que tenho nesse momento, ou vou te perder.

— O quê? — rebati, irritada e virando meu rosto na sua direção. Seu nariz estava a um dedo de distância do meu.

— Quero te foder no momento que abrir os olhos pela manhã, depois do almoço, enquanto você lava louça e para te fazer dormir com meu pau bem- acomodado na sua boceta, depois que gozar e estiver bem saciada.

Perdi o fôlego, a voz e minhas sinapses cerebrais tiveram curto-circuito. Abri a boca e ele a tomou, tocando sua língua na minha e me consumindo sem que eu pudesse recobrar meus pensamentos coerentes.

Estava tão bom. Ser beijada e desejada daquela forma era me sentir no céu sem ser digna. Um forte sentimento de plenitude e pertencimento me fez levantar o tronco e retribuir o beijo com mais fervor.

Lídio me ajudou a ficar sentada, suas mãos fortes e desejosas tocaram todas as minhas curvas. Abracei seu pescoço,

arfei e inclinei a cabeça para me encaixar melhor, fiquei de joelhos e a coberta caiu ao meu redor, eu queria tudo.

Antes que eu pudesse abrir minhas pernas e ficar em seu colo, meu celular tocou e o clima de luxúria se dissipou. Praticamente pulei para longe dele, fiquei de pé com a cama entre nós e atendi a chamada, era minha irmã.

— Oi! — Saiu ofegante.

— Marlene? Está tudo bem? — Sua preocupação me fez sorrir. Meu acompanhante interpretou errado e veio em minha direção.

— Não! — Estiquei o braço, arregalando meus olhos e depois percebi que estava me comunicando com duas pessoas ao mesmo tempo. — Quero dizer, estou bem. Acabei de acordar.

— A clínica de ginecologia e obstetrícia que eu frequento abre daqui a pouco. Estou pensando em chegarmos lá o quanto antes e pedir um encaixe.

— Meu Deus! — Coloquei a mão na barriga, bati as costas na parede e abaixei a cabeça, lembrando-me de todo o meu conflito particular. Lídio parou de avançar e me encarou curioso. — Não. Sim. Me dê alguns minutos, vou acordar e te retorno. Eu ainda não sei o que irei fazer.

— Só não o tire, minha irmã — sussurrou.

— Tá louca? Nunca passou pela minha cabeça! Só...

— Tudo bem, eu sei, os hormônios estão uma bagunça e nada faz sentido. Eu te ligo daqui a trinta minutos.

— Uma hora. Tchau. — Encerrei a ligação e encarei Lídio, meu coração acelerado deixava meu estômago revoltado e a fome bateu. — Eu preciso tomar um banho e colocar as ideias em ordem.

— Tem algo acontecendo. Você colocou a mão na barriga, tem algo aí.

— Sim, Lídio. Como também existe algo entre nós e no meu estômago, que reclama de fome.

— Deixa comigo. — Deu um passo para trás e apontou para a porta. — Vou preparar o café da manhã enquanto você se arruma. Pode contar comigo.

— Tudo bem. — Soltei o ar com força enquanto ele saía do quarto e me deixava com o sentimento de perda.

Eu beijei Lídio e tinha medo dele ir embora, por conta do trabalho. Naquele momento, eu tinha certeza de que o afastaria, por conta de uma gestação que não era dele.

Minha vida estava um caos.

Lidia



Capítulo 14

Aquela não era uma missão, muito menos uma pista para ser investigada e detalhada. Marlene era minha última tentativa de me sentir bem comigo mesmo. Descobri, estando afastado, que os momentos que eu passava com ela eram os melhores da minha vida.

Mesmo quando ela brigava, rebatia ou me fazia sentir menos. A questão que sentir ao lado dela tinha um sabor diferente. Eu estava vivo e motivado, porque eu nunca sabia como ela acordaria.

E nossa convivência estava diferente. Apesar da culpa que ainda me acompanhava, por ter me permitido fraquejar com outra tímida na Festa da Luxúria, eu estava cada vez mais solto.

Acompanhado de Marlene, eu esquecia minhas inseguranças como profissional, segurança e membro da Irmandade Horus. Eu me sentia apto para qualquer missão, só não sabia o que me aguardava das reações daquela mulher.

Ela guardava tantos segredos e emoções quanto eu. Sempre atrás de um computador, nos bastidores da ação de verdade, fugimos do holofote. Mas eu tinha estourado aquela bolha há um tempo. Aceitei missões de campo, treinei, levei um tiro, mas estava novamente na jogada.

Demorei muito tempo para perceber que eu só precisava seguir com o fluxo, sem ter o controle de todas as ações. Bastava

frequentar a casa de Marlene todos os dias e ir me misturando com a rotina daquela mulher, para que percebesse o quão semelhantes eram nossas essências.

Os opostos se atraem. Mas são os semelhantes que andam juntos por toda a eternidade.

Então, preparando o café da manhã para a mulher que parecia ter algum tipo de enfermidade, controlei meus anseios de colocá-la nos meus ombros e levá-la para um médico. Teimosa, ela achava que sabia de tudo e estava no comando, mas da nossa vida, não controlávamos nem a respiração – era involuntária.

— O cheiro está bom. — Ouvi sua voz e virei o rosto, encarando-a apoiada no batente da porta. Seu cabelo estava molhado, o olhar cansado e os ombros rígidos, tudo nela me atraía e acionava meu instinto protetor.

— Fiz o chá de lavanda, seu arsenal de ervas é muito bom.

— Você conhece essas coisas?

— Eu vivia em frente a um computador e era acionado a cada movimento. Aprendi uma ou outra coisa.

— E o que está assando? — Ela saiu do seu lugar e veio para o meu lado. Meu braço queria trazê-la perto, o beijo que demos não seria o suficiente, nunca. Eu desejava mais e pelo fervor da sua boca, Marlene estava na mesma página que eu.

— Ovos e pão de frigideira com tapioca, receita rápida que aprendi na Irmandade.

— Não sabia que você era prendado, Lídio.

— Achou que era apenas um sorriso bonito e músculos? —
Aproximei meu rosto do dela e sorri, suas bochechas coraram. —
Bom dia, dona. Sente-se, hoje sou eu que irei te servir.

Ela me surpreendeu com os braços circulando meu corpo. Larguei tudo na pia – estava lavando a louça – e retribuí, sua cabeça em cima do meu coração era o encaixe perfeito. Inspirei seu cheiro e a apertei, tomando coragem para abrir um pouco mais meu coração.

— Você é forte e destemida, se virou sozinha e cuidou da sua irmã quando deveria ser apenas uma adolescente inconsequente. Nem por isso você não deve aceitar ajuda, ou ser mimada. Hoje, você pode ser o que quiser e eu quero assistir de camarote.

— Ah, Lídio, queria que tivesse falado isso antes de ter ido embora. Ou melhor, bem antes. — Ela suspirou e se afastou, as lágrimas estavam acumuladas nos seus olhos. — Quando descobrir a verdade, vai embora e nem poderei brigar por isso.

— O que você tem? — Segurei seu rosto e limpei a lágrima que escorregou. — Se estiver doente ou qualquer outra coisa, eu não tenho medo. Sei o suficiente sobre você, seus pais e como gosta de lidar com os problemas. Estou mais solto e você conheceu um pouco mais de como sou no dia a dia, brincalhão e provocador. Qualquer outra coisa, eu aprenderei a me adaptar, sou bom nisso.

— Esqueceu protetor. Carinhoso e atrevido, você mexe comigo de um jeito que eu gosto, mas se for outra pessoa fazendo, imagino chutando as bolas. — Ela sorriu com tristeza e se afastou de mim. — Eu... promete não fazer muitas perguntas?

— Apenas que não cobrarei respostas, só diga o que tem vontade e aceitarei seu silêncio sem me chatear.

— Custa falar que concorda comigo? — resmungou e se sentou à mesa.

— Tudo bem, zero perguntas da minha parte, nem julgamento ou dúvida. Mesmo que tenha matado alguém e dado aos porcos, eu já vi muita coisa difícil nessa vida, nada vai me surpreender.

— Acho que estou grávida. — Ela abaixou a cabeça e conseguiu me desestabilizar de todas as maneiras.

Não era uma doença, nem algo que precisaria da minha ajuda. Ou...

Arregalei meus olhos e me ajoelhei ao seu lado, tomando sua mão na minha e me entregando de corpo e alma. Marlene era discreta e não saía para nada naquela fazenda. Se na minha ausência, algo aconteceu, eu era o único responsável e iria assumir todas as minhas obrigações como homem.

Se ela confirmasse a gravidez, não me cabia rejeitar um pedaço que vinha dela. Mesmo que o pai fosse um cuzão, ou tivesse feito à força, eu acertaria as contas com ele e compensaria o tempo que precisei para firmar a minha autoconfiança.

— Oh, Lídio. Eu fiz algo tão errado... — murmurou, se culpando.

Precisei acionar todos os meus conhecimentos de interpretação de texto e leitura não verbal para interpretá-la. Eu não poderia perguntar, mas poderia responder os meus achismos.

Tudo indicava que ela tinha se entregado a alguém e estava arrependida. Sexo casual nunca foi um problema, apenas se não usasse preservativo.

— Trepar não é crime. Se essa foi a consequência, continuarei com meu discurso e estarei ao seu lado. Posso te levar ao hospital e fazer todos os exames necessários, não só o de gravidez.

— Você terá a capacidade de assumir um filho que não é seu? — Levantou a cabeça e me encarou com desaforo, como se meu gesto fosse uma ofensa.

— Sendo o pai conhecido ou não, Marlene, assim que você aceitar ser minha mulher, você não conseguirá mensurar tudo o que estou disposto a fazer para ficar ao seu lado.

— Nós nos beijamos uma vez e já está fazendo juras de amor? — Negou com a cabeça e eu acenei, concordando. — Iludido demais.

— Apaixonado. Cheio de tesão por uma mulher que trabalha e não se intimida com um homem como eu.

— Eu fiquei com outro homem e você não se importa? — Bufou e se levantou, me dispensando. — Para o seu padrão, devo ser puritana demais, mesmo que eu fale que não tenho ideia de quem seja o pai dessa criança.

— Se for do seu desejo, eu posso encontrá-lo. — Levantei-me e ela reagiu com assombro. — Ou não, que se foda, Marlene. Se o que nos impede de ficar juntos é o bebê que você espera, para

mim, é assunto encerrado. Posso ser o pai dele, tudo o que você quiser que eu seja.

— Por que age dessa forma?

— Porque você é a única mulher que me fez sentir grande.

— Abri os braços. — Confiança. Força. Um homem de verdade. Ao seu lado, eu me sinto tudo isso.

— Mas eu vivo brigando com você e te espantando.

— E mesmo assim, eu amo. — Abaixei meus braços e suspirei. — Há pessoas que se apaixonam pelo toque, o beijo ou a química. Você ganhou meu coração com a rotina, os desafios e a paixão escondida. — Dei passos até ficar de frente para ela novamente, coloquei a mão na sua nuca e tentei não a confundir com aquela desconhecida, que me ajudou a descobrir que por mais que ela fosse perfeita, eu ainda preferia Marlene. — Eu tive um vislumbre dos seus sentimentos, você me beijou e quero sentir mais. Por favor, não me afaste, me deixe ser tudo o que você precisa.

— Não quero se... sexo. — Pressionou os lábios e sua respiração acelerou. — Mas queria esquecer, Lídio. Estou com medo, não confio em suas palavras ao mesmo tempo que você é tudo o que eu tenho.

— Não quero ser sua única opção, por não ter outras. Mas aquela que se encaixa perfeitamente na sua vida, que a faz esquecer tudo ao seu redor.

— Lídio — gemeu.

— Prometi não perguntar, mas preciso da sua autorização para tocar em seu corpo e realizar o seu pedido. Vou te fazer esquecer as dúvidas e os medos por alguns segundos. Não é a melhor opção, mas a única que poderei atender de forma rápida e limpa.

— Sim.

Abraçou meu pescoço e me beijou, assinando um contrato emocional que mudaria as nossas vidas para sempre.



Marlene

Capítulo 15

Tanta coisa emocionante acontecendo naquele momento e eu me recordava da vez que estava na Festa da Luxúria. Com o mesmo carinho e cavalheirismo, Lídio me conduziu até o quarto segurando minha mão na dele.

Confiava naquele homem e não tinha noção do que ele pretendia naquele cômodo que não envolvesse sexo. Percebi que muitas das restrições que eu tinha sobre aquele tipo de intimidade estavam ausentes, até pensar nas palavras estava menos rígido do que antes.

— Vou tirar sua blusa e short. — Ele parou de frente para mim e segurou na barra da minha roupa. Deveria brigar porque ele não tinha perguntado, estava mandando na minha vida. Mas eu tinha superado muita coisa desde o momento que ele prometeu atender meu pedido.

Eu já tinha começado a esquecer tudo o que estava me fazendo sofrer no momento.

Mesmo com vergonha, ergui meus braços e ele tirou a blusa por cima. Tentei tampar meu sutiã nem um pouco sensual enquanto ele enfiava os dedos nas laterais do short e se agachava para tirar a peça de roupa.

— O que vai fazer? — perguntei, necessitada de alguma informação para que não perdesse o foco pelo medo do desconhecido.

— Vou usar as mãos e a boca, apenas. — Ele se levantou e ajeitou meu cabelo ao mesmo tempo que acariciava meu rosto. — Cuidarei para que se sinta melhor, sem culpa. Você é uma mulher maravilhosa e merece cada hormônio da felicidade produzido em seu corpo. Deite-se.

Estranhamente, meu peito se aquecia com cada ordem expressada. Passava uma sensação de segurança, que ele não me deixaria cair enquanto estivesse no comando.

Subi na cama e me arrastei para o centro dela. Lídio puxou a camisa pela nuca e me deu a melhor visão do seu tórax musculoso. Ajoelhou-se no colchão, entre minhas pernas, passando as mãos do tornozelo até os joelhos, apertando em cada extremidade.

— Olhe para mim. — Sorriu com safadeza e meus braços deixaram de tampar meu rosto e relaxaram ao meu lado. — O calor da minha palma vai te ajudar a esquentar.

— Mais?

— Está excitada. — Afastou-se apenas um pouco para inclinar seu corpo para a frente e sua cabeça se alinhar com minha barriga. Inspirou profundamente e deixou o nariz deslizar pela minha pele. — Hum... Se eu tirar sua calcinha e tocar sua boceta, ela estará mais molhada que minha língua.

— Oh! — Virei o rosto e senti minhas bochechas esquentarem por prever o que ele iria fazer. Tentei fechar minhas pernas, mas Lídio estava entre elas e não foi possível. — Eu não depilei, acho melhor...

— Respirar fundo e fechar os olhos por alguns segundos.

— Você não precisa ter que lidar com pelos.

— Eles fazem parte de você, Marlene. Como os cumprimentos murmurados de bom dia, as broncas quando eu não faço do jeito que você quer e os sorrisos que me dá, quando não estou vendo.

— Como sabe que eu sorrio?

— Porque tudo sobre você me interessa. — Soltou o ar com força na minha barriga e meu corpo se arrepiou. — Vamos, dona. Feche os olhos e respire profundamente.

Obedeci, porque o frio na barriga estava gostoso demais para não sentir. Ele deu um leve beijo próximo do umbigo e deslizou o dedo na borda da calcinha, indo de um lado para o outro. A vergonha tentou comandar, remexi as pernas e lembrei-me de todas as observações nem um pouco atraentes sobre sexo oral.

A boca dele em mim.

Sujo. Obsceno. Mas também, um poderoso estimulante. Ao mesmo tempo que eu queria pará-lo, a curiosidade luxuriosa estava pronta para experimentar.

Tirou a calcinha bem lentamente, beijando cada centímetro de pele. Apertei meus olhos e lábios, tensioneiei o corpo e não sabia o que esperar quando fiquei quase nua na frente de Lídio.

Deslizou as mãos por dentro das minhas coxas, as pontas dos dedos indicavam o caminho que ele queria trilhar até minha

intimidade. Meu peito subia e descia, buscando ritmo, mas ficando descompassado a cada sensação desconhecida.

Assim que chegou na minha virilha, tocou-me com tanto cuidado e suavidade, que abri os olhos levada pela expectativa. Ergui um pouco o tronco, só para ter a vista privilegiada de Lídio me tratando com devoção.

Ergueu o olhar assim que me abriu com os dedos. Parei de respirar por alguns segundos ao ver sua língua sair e tocar o ponto mais inchado da minha intimidade.

— É apenas o começo. — Lambeu novamente e caí na cama, arfando de prazer. — Deliciosa!

Remexi quando aumentou a pressão, sua língua acelerou os movimentos e me levou a outro nível de prazer. Um rebuliço de sensações me levou do medo ao prazer, estava sendo melhor do que o sexo na Festa da Luxúria. Irrelevante comparar, uma vez que tinha sido minha primeira vez e foi com alguém que eu não conhecia.

Tudo com Lídio parecia mais interessante.

Senti uma pontada no meu núcleo quando ele sugou e veio com tudo, meus joelhos apertaram sua cabeça e a onda de prazer avançou. Mais um milímetro de prazer, apenas um movimento a mais, eu chegaria ao ápice tão almejado.

Meu celular tocou, lembrei-me da minha irmã e que estava grávida de um enquanto transava com outro. Minhas mãos apertaram o cabelo de Lídio e o fiz parar, seu olhar nublado de prazer continuava me tornando prisioneira das suas ordens.

— Só vou te liberar quando gozar. Então, acho melhor você confiar em mim, relaxar e esfregar essa boceta na minha cara.

Atrevida, quase sentada, fiz como ele pediu, fora da linha e despudorada. A cada gemido que ele dava, ecoava na minha vagina e aumentava meu prazer.

O celular tocou, a urgência me apressou e eu me rendi ao orgasmo, de uma forma que nunca pensei que seria possível. Gemi alto, rendida, entregando meu corpo para aquele homem que tinha prometido tudo, só faltava assinar um contrato de casamento.

— Vai se casar comigo — soltei, arrebatada e me jogando na cama, não poderia me entregar a outro depois daquele momento. O celular tocou novamente e Lídio saiu da cama para pegá-lo e trazê-lo para mim. — Eu não posso atender, estou pelada e com você.

— Sim e sim. — Beijou meus lábios e voltou a ficar com o rosto entre minhas pernas. — Atende, senão sua irmã ficará preocupada.

— Alô! — grunhi e tentei fechar as pernas enquanto Lídio voltava a me lambe tão intimamente.

— Marlene? Está tudo bem?

— Sim. — Suspirei e relembrei as palavras do meu acompanhante, ele tinha respondido duas perguntas indiretas de forma positiva.

Meu Deus, eu o pedi em casamento e ele aceitou!

— Claro que não está. Ofegante, com a suspeita de gravidez, não me contou como aconteceu. Para de ser teimosa, irmã, eu estou indo até você.

— E as crianças? — Fechei os olhos e exalei com força. — Eu vou até você, não precisa disso tudo.

— Hoje será o dia com o papai. Rômulo se vira, eu vou ajudar você. Fica pronta, estou indo aí. Tchau.

— Espera!

— O quê? — Lídio ergueu a cabeça e o encarei com os olhos arregalados. — Desculpe, era para ter saído como uma exclamação.

— Esqueça isso, você pode perguntar o que quiser. — Puxei meu corpo para sentar e ele ficou na minha frente, atento. — Patrícia está vindo, eu vou com ela no médico confirmar se é um bebê ou outra coisa.

— Eu posso ir. Quero. — Colocou a mão na minha barriga, fazendo com que lágrimas enchessem meus olhos. — Se você precisa de um casamento, eu assino os papéis e faço a festa. Quer o pai do seu bebê, eu estou aqui. O marido, amante...

— Eu me pergunto por que você faz tudo isso. Eu sou uma complicação.

— A mais deliciosa de todas. — Acariciou minha bochecha. — Não há como mudar a dona do meu coração. Eu sou seu, Marlene.



Marlene

Capítulo 16

Fiquei sentada na cadeira de fio que tinha na varanda enquanto aguardava minha irmã aparecer. Tinha ligado para ela, tentando convencê-la de que não precisava chegar até mim, mas ela estava a caminho com o motorista do marido ricoço que ela tinha.

Tomei um outro banho, coloquei um vestido florido, para facilitar qualquer exame ginecológico que fosse feito e finalmente comi o café da manhã feito por Lídio.

Atento a cada movimento e reação que eu tinha, eu estava prestes a explodir para que me deixasse sozinha. Mas, ao primeiro pensamento da sua ausência, desistia de reclamar. O homem só queria me dar carinho e, desacostumada, invertia os conceitos sobre o que era bom e ruim.

Eu queria ser cuidada, só precisava aprender.

— Está com sede? — ele perguntou, andando de um lado para o outro com o eletrônico na mão.

— Falando comigo ou o celular?

— Desculpe. — Ele guardou e se agachou na minha frente. Colocou as mãos nos meus joelhos e acariciou. — É importante se hidratar, Marlene. Eu busco água para você.

— E se eu estiver grávida, Lídio?

— Nada entre nós mudará. Eu continuarei sendo seu homem e você será minha família.

— Mas... — Olhei para o teto e pressionei os dedos na testa, com medo do que eu desejava.

— Pode parecer complexo, quando analisamos todas as possibilidades. Eu sou o primeiro a transformar a situação em um algoritmo e buscar todas as exceções, mas eu nunca tive dúvida do que sinto por você.

— Por que não falou comigo desde o início? — Ajeitei minha postura e o enfrentei, ele beijou meus lábios e se levantou, voltando a andar de um lado para o outro na minha frente. — Estou nervosa, você não precisa responder.

— Quando vim para cá, eu estava fugindo de trabalhar em campo. Sempre fui o melhor com máquinas, estava aprendendo a lidar com pessoas e missões. O tiro me mostrou que não sou máquina, mas um humano.

— Sim, eu lembro que me contou sobre isso. Estava fortalecendo os músculos da perna.

— Estavam bons, mas eu queria mais tempo com você. — Ele parou ao lado do pilar e encostou o ombro, cruzando os braços. Seu sorriso cheio de charme me fez derreter. — Perdi a confiança em mim e nas minhas habilidades. O medo da rejeição me fez recuar. Até que... — Ele abaixou a cabeça e soltou o ar.

— O quê?

— Queria deixar esse assunto para depois.

— Fale de uma vez. — Levantei-me e me aproximei.

— Também tive um deslize. — Esticou o braço e me puxou para um abraço, ele não me deixou fugir para processar o significado das suas palavras. — Talvez seja o preço a se pagar pela minha lentidão, Marlene.

— Pode ser mais claro? — resmunguei e ele esfregou o nariz em meu pescoço. — Você está me distraindo.

— Estou conseguindo?

— Sim, mas não podemos. — Empurrei-o quando ouvi o barulho de carro se aproximando. — Deve ser Patrícia.

— Eu poderia te levar.

— Só vamos falar para as pessoas que estamos juntos quando a gente estiver conversado.

— É sim. Se precisa de alguma resposta, você já tem, eu estou de acordo. — Ele veio até mim e eu comecei a fugir dele.

— Não é tão simples.

— Mesmo sendo complexo, eu quero.

— Lídio! — Bati no seu braço e o carro estava mais próximo. — Depois conversamos.

— Você quer se casar, eu digo sim.

— Vai largar seu emprego para ter uma vida no campo comigo?

— Acho que nem você vai me querer por perto, Marlene. Eu posso pegar menos missões e ficar com o suporte à distância.

— E precisa de internet para isso? Aqui não pega nada bem.

— Colocamos uma antena decente na fazenda vizinha, alcança até aqui, dona.

— Para de me chamar assim!

— Você ama. — Ele me puxou para um beijo rápido e piscou um olho quando me afastei, como se estivesse pegando fogo.

O carro parou, ajeitei meu vestido e roupa para me recompor. Assim que Patrícia saiu do carro, peguei minha bolsa que estava em cima da cadeira de fio e recebi o abraço da minha irmã.

— Eu estou aqui, vai ficar tudo bem. — Ela me apertou e retribuí, sentindo a segurança que tanto almejava. Fechei os olhos brevemente e quando os abri, vi Lídio nos observando. Meu coração acelerou, direcionando o foco dos meus pensamentos para aquele homem. — Pronta?

— Sim.

— Também vou — ele se pronunciou e nós duas viramos em sua direção. — Ou vou de moto, para não atrapalhar as senhoras.

— Que bom que está por aqui, Lídio. — Patrícia foi até ele e deu um abraço como cumprimento. — Achei que tinha ido embora.

— Demorei demais para voltar, sinto muito. Isso não vai mais acontecer. — Ele veio até mim, nitidamente para me beijar, mas recuou, acenou para nós duas e saiu correndo. — Me manda a

localização por mensagem, Marlene! — ele gritou enquanto corria pela estrada.

— Eu não tenho o seu número — rebati.

— Adicionei nos contatos.

Suspirei, como uma boba apaixonada. Ele foi se afastando e eu só queria ter mais tempo ao seu lado. Tão absorta nas emoções, que tinha me esquecido de Patrícia. Ela apareceu no meu campo de visão e abaixei a cabeça, envergonhada.

— Vamos — ordenei, indo até o carro e abraçando minha bolsa.

— Então, aconteceu.

— O quê?

— Você e Lídio.

— Está vendo coisa demais. — Parei em frente ao homem que abria a porta do carro e entrei, ainda mais constrangida por ter testemunha das minhas mentiras provisórias. — Ele é apenas o meu amigo.

— Sim, você sempre deixou claro, quando falava do vizinho da fazenda. Que vinha roubar café ou que parecia folgado demais comendo dos seus bolos. — Encarou-me divertida e não gostei do que vi em seus olhos. — Ele sumiu, você demorou para contar e, agora que ele voltou, nem tinha comentado.

— Porque não era relevante.

— Ou estava magoada pela sua partida.

Cruzei os braços e observei o motorista manobrando o automóvel.

— Moço, poderia colocar uma música, por favor? Bem agitada.

— Claro. — Acenou com a cabeça.

— Não fuja do assunto, Marlene. Não estou te julgando, só tentando entender o que está acontecendo. Do nada, você me liga e diz que pode estar grávida. Se for de Lídio, será perfeito.

— Como tudo na minha vida — ironizei. — A maldição da mamãe chegou até mim, serei mãe solteira por estar mais preocupada com safadezas do que me resguardar. — Tentei não chorar e continuei não a encarando.

— E quem é o pai? — Balançou as mãos na frente do rosto e bufou. — Não importa, seu estado civil não tem nada a ver com sua descoberta. Você será a melhor mãe do mundo e nem precisará de um homem para estar por perto.

— Bonito seu discurso, pena que te conheço e sei que não me vê assim. — Apoiei a cabeça no encosto do banco e suspirei. — Estou amarga, cheia de dúvidas e inseguranças. Vamos conversar depois, pode ser?

— Não precisa se esconder, deixei de ser aquela que julga, Marlene. — Ela pegou minha mão e fez uma carícia. — Te entendo, não precisa dizer nada. Faremos os exames, terá seu tempo e quando estiver pronta, quero saber sua decisão.

“Ilumine o céu

Escreva meu nome, mantenha-o brilhando

Roubar a noite

Sinta a chama vai alimentar o fogo”

Manafest, UNSECRET – Light It Up

A música parecia tão positiva quanto as palavras da minha irmã, mas eu só conseguia sentir medo. Olhei para os lados, depois para trás e busquei por Lídio. Eu precisava dele, não deveria tê-lo dispensado.



Marlene

Capítulo 17

Deitada na maca, com o vestido levantado e um pano nas minhas coxas, eu olhava para o teto e esperava ser atendida. Patrícia tinha ido ao banheiro, mas eu tinha certeza de que ela só queria me dar espaço por conta do meu silêncio.

Fiz exames de sangue e um de urina, que trouxe o resultado mais rápido do que eu desejava. Queria ter mais tempo para pensar nas possibilidades, ou mesmo Lídio aparecer e me dar algum suporte.

Grávida.

E por mais que eu quisesse surtar e chorar deitada em posição fetal, como tinha acontecido na fazenda, eu não estava naquela sintonia. Eu só tinha um anseio e ele não estava ao meu lado como prometido.

Revirei os olhos para mim mesma, que colocou uma distância entre nós, porque não queria que Patrícia ficasse empolgada com nossa aproximação. Seríamos uma família diferente, unidos pelo amor.

Virei a cabeça em direção à porta quando ela foi aberta. O médico apareceu e apagou a luz do ambiente. Antes que eu pudesse perguntar sobre minha irmã, o homem que eu desejava apareceu logo depois, conferindo todos os cantos do cômodo antes de me encarar.

— Eu sou o doutor Douglas e irei fazer o seu exame. Vamos começar? — O médico se sentou em um banco, apertou botões no aparelho ao meu lado e pegou o cabo com uma ponta oval. O gel transparente já estava na minha barriga, ele colocou o aparelho e deslizou pela superfície.

Minha mão foi tomada pela de Lídio e exalei com força, aliviada que ele tinha chegado a tempo. Era pedir demais para um homem assumir o filho de outro, mesmo sendo pai, existia uma grande distância na criação. Então, lembrei-me de Patrícia e seus filhos, que estavam naquele momento com o progenitor enquanto ela me acompanhava.

Talvez, tudo o que eu tinha aprendido não servia mais. Os exemplos do passado não valiam para o meu presente fora do padrão. Dava medo, mas também me libertava.

Apertei os dedos de Lídio e ganhei um carinho na cabeça, eu não o encarei, estava focada demais no monitor com riscos brancos e pretos.

Céus, eu via um bebê ali!

— Qual foi a data da sua última menstruação?

— Vinte e cinco de junho — respondi, menos tensa e sem vergonha. Aquele era um outro assunto que evitava. Todavia, algo dentro de mim tinha mudado e as coisas difíceis estavam se tornando simples.

— Primeira gestação?

— Sim. Eu só fiz uma vez.

O médico trocou um olhar comigo, indicando que eu tinha respondido mais do que o necessário e voltei a minha atenção para a tela. Ainda bem que o aperto de Lídio continuou igual, ele era muito bom em fingir que não tinha ouvido nada, apenas para me agradar.

— Vou fazer as medições, qualquer dúvida, pode me perguntar.

— E o coração?

— Vamos começar por ele então. — O doutor sorriu, apertou algo no aparelho e a tela congelou. Logo, uma frequência na parte debaixo da tela apareceu e o som mais incrível ecoou pelo cômodo.

Uow, uow, uow...

Impossível não olhar para Lídio e buscar alguma emoção conflitante em sua postura. Mas ele piscava lentamente, encarando o monitor, como se fosse um objeto de outro mundo.

Tanta coisa passou pela minha cabeça. Desde que eu nunca mais estaria sozinha como os dedos apontados por eu ter engravidado e não sabia quem era o pai. Meu acompanhante virou a cabeça para mim, indicando que todos os meus medos poderiam ser esquecidos, porque ele estava ao meu lado e poderia esconder todos os segredos obscuros que eu tinha.

— A frequência está boa. Os papais estão prontos para ver mais do bebê?

Ergui as sobrancelhas e Lídio fez o mesmo, um desafiava o outro a corrigir o médio. Eu não ousaria, por medo e ele estava mais do que pronto para assumir aquele posto.

Era injusto e eu tinha que contar minha história para aquele homem, mas precisava de um pouco mais de tempo, porque tudo estava acontecendo de uma vez.

Reconheci o quanto perdi dos meus sobrinhos, de acompanhar a gestação da minha irmã e ver a evolução de uma vida. Enfurnada na fazenda e julgando Patrícia por ter se envolvido com um ricoço da capital, quando o assunto era família, não havia tanto julgamento, o esperado era o sentimento mais precioso, o amor.

Quando terminou o exame, o médico me entregou lenços de papel para limpar a barriga e saiu da sala enquanto a assistente apareceu para preparar a sala para a próxima paciente.

Do lado de fora, parei no corredor em direção à recepção e encarei Lídio. Ele apertou meus ombros com carinho e sorriu sem a pontada cafajeste de sempre, era uma versão de homem que eu nunca tinha visto.

— Você está pensando em que momento eu vou fugir, não é?

— Se algum dia você disser que não é seu ou que ficar comigo é mais do que você pode suportar, vou gastar meu réu primário.

— Faço parte da Irmandade Horus, honrar e proteger faz parte das minhas habilidades. Você nunca mais estará sozinha, além do bebê, terá meus irmãos como família. E não começou por hoje, você faz parte desde o momento que se tornou nossa vizinha e Vincenzo Rizzo deu a ordem de te proteger.

Abracei sua cintura e suspirei, ainda com dúvidas, mas tranquila por ter Lídio por perto. Perguntava-me como era possível se sentir forte e segura ao lado de um homem que fazia parte da Irmandade Horus, mesmo que nosso vínculo fosse sentimental.

Contratos poderiam ser rescindidos. Casamentos se transformavam em divórcio. Apenas um filho era o vínculo eterno, e não tínhamos.

— Um dia te conto a história daquele que me acolheu, me deu um lar e alimentou meu dom com a tecnologia. Ele se apaixonou por uma mulher que já tinha um filho e nem por isso o vínculo é menor entre eles, como família. O pai biológico é quem dá a vida, mas apenas quem está presente, o pai de coração, é quem ensina a viver. Esse vínculo é tão forte quanto o de sangue.

Assim, ele conseguiu calar todas as perguntas na minha mente e me proporcionou proteção. Afastei-me dele, entrelacei nossos dedos e saímos para a recepção, Patrícia estava de pé em um canto com o celular no ouvido.

— Claro que dá conta. Coloca a água até 210ml, três medidas de leite em pó e chacoalha. Quinze segundos no micro-ondas são suficientes. — Ela se virou para mim e colocou a mão na boca para controlar o riso. — Ninguém vai passar mal se estiver mais ou menos misturada, Rômulo. Você é o super-herói que consegue vencer todos os chefões. Pense nisso como a batalha final do jogo. Agora, eu preciso ir, tchau. — Ela deu um passo na minha direção, me abraçou e percebeu minha mão unida a Lídio. — Como foi? Eu preferi deixar vocês dois nesse momento.

— Estou com Lídio e ele é o pai — falei, roboticamente, um bolo enorme na garganta me fez tossir.

— Ninguém vai questionar, Marlene. Está tudo certo. — Deu batidinhas em minhas costas e encarou meu acompanhante. — E se você fizer minha irmã sofrer, eu tenho contatos e vou atrás de você.

— Pare com isso, eu sou a irmã mais velha e faço as ameaças.

— Sim, senhora. — Lídio me puxou e colocou o braço em cima dos meus ombros. Deixou um beijo carinhoso na minha cabeça e empinou o nariz, satisfeito porque não saí correndo.

Os olhos de Patrícia brilharam, era a mesma intensidade quando falava dos filhos. A conquista familiar compartilhada dava a mesma satisfação do que a própria, eu estava começando a entender e ver a vida de um jeito diferente.

— Podemos aproveitar e almoçar em comemoração. — Minha irmã bateu palmas, animada. — Quantas semanas você está?

— Treze semanas.

— O próximo ultrassom já vai conseguir descobrir o sexo do bebê. — Ela cutucou Lídio. — Será menino, se prepare.

— O importante é ter saúde — rebati, sentindo meu coração acelerar por aquela conversa tão diferente. Mas pensava como ela, seria um menino, mas preferia não verbalizar.

— Quarenta semanas vai dar... — Ela levantou os dedos, contando. — Fevereiro! Próximo do aniversário do Rômulo.

— Sim. — Eu iria chorar a qualquer momento. Tinha passado de solitária a cheia de pessoas vinculadas a mim, precisava de um tempo. — Antes de almoçar, precisamos passar na drogaria e comprar as vitaminas.

— Me passe a receita, eu compro. Vocês escolhem o restaurante e encontro vocês lá. — Lídio segurou no meu queixo e me transmitiu calma. — Tudo bem?

— Sim, obrigada.

— Ah, eu vivi para assistir essa cena. — Minha irmã tirou um papel da minha bolsa, que estava com ela, e entregou-o para Lídio. — Vá, guerreiro. Eu preciso colocar a conversa em dia com minha irmã.



Marlene

Capítulo 18

No restaurante, sozinhas, enquanto Lídio não chegava, derramei meu coração para a minha irmã. Nem imaginava o quanto estava guardado no meu peito, desde as conversas da nossa mãe, sobre não podermos nos aproximar dos homens até a minha ida à Festa da Luxúria.

Até aquele momento, eu achava que tinha sido ela a entregar a caixa com a roupa e o convite.

— Uma parte de mim quer saber quem é o homem. Outra só quer viver feliz com Lídio. Mas é tão injusto, não dar a oportunidade para aquele homem. Ele... eu gostei, sabe? Também acho que estou traindo Lídio, estou vivendo uma guerra dentro de mim.

— Marlene, só um momento. — Ela respirou fundo e franziu o cenho. — Como você conseguiu um convite para a Festa da Luxúria?

— Foi você, não? Estava na caixa junto com as outras, com roupas de cama e banho.

— Vontade eu sempre tive, mas nunca fiz, porque sabia o quanto iria me repreender. Depois de tanto tempo em conflito, agora que finalmente estava de boa com você, não correria o risco de brigarmos.

— Espera... não foi você que me deu? — O assombro estava estampado no meu rosto, por conta da reação de Patrícia. — Mas... Como... E se?

— Também estou confusa, porque Rômulo mudou a direção da festa para o empresário gringo, Cameron Reynolds. Depois que minha filha nasceu, as aventuras se tornaram as noites maldormidas e fraldas que não precisavam serem trocadas na madrugada.

— Nunca mais voltou para a festa?

— Bem pontual, porque eu e Rômulo temos interesses mais caseiros. — Colocou a mão na boca para abafar o riso. — Mas a questão é, como a caixa foi parar no meio das minhas coisas para você?

— Pronto! — Lídio apareceu, beijou minha testa e puxou a cadeira para mais próximo, sentando-se com o braço atrás de mim. Alto, imponente e com presença marcante, todos o encaravam e eu me constrangia. — Precisam de mais um tempo?

— Não, podemos pedir, estou faminta. — Patrícia levantou a mão e chamou o garçom. — Mas a grávida tem prioridade para escolher o prato.

— Pode ser bife à parmegiana? — Fiz uma careta e minha irmã se lembrou do prato especial que nossa mãe fazia, quando algo diferente acontecia. — Estou nostálgica demais?

— Eu achei perfeito. — Ela estendeu a mão na minha direção e a apertei.

— Dois para mim, porque estou com fome e terei muito trabalho essa noite — Lídio falou para o garçom e nos ajudou a pedir as bebidas e acompanhamentos.

— Vai ter que viajar justo agora? — perguntei com repreensão e ele aproximou sua boca do meu ouvido.

— Para a sua cama, dona. Agora que você me aceitou como seu, nada vai me tirar do seu colchão.

Meu rosto esquentou, Patrícia riu mesmo sem saber o que falávamos, mas deduzindo. Dei um cutucão em Lídio, que não se importou, estava tão feliz quanto eu, de ter planos para mais tarde.

Se for metade do que ele já tinha feito pela manhã, eu trocaria meus chás calmantes por uma dose daquele homem. Só de imaginar, senti meu rosto ficar ainda mais quente, eu deveria controlar a direção dos meus pensamentos em público. Culpa do Lídio, que estava falando aquelas besteiras no horário inapropriado.

Eu ia repreendê-lo, mas assim que meu olhar foi para o dele, intenso e apaixonado, tive vontade de deitar minha cabeça em seu ombro, para receber o acalento que ele parecia pronto para oferecer, e não brigar.

— Olhem isso. — Patrícia quebrou o clima e mostrou a tela do celular. Na imagem, o marido rico estava deitado no chão enquanto os filhos subiam em cima dele, como se fosse um morro. — Vai dizer que o dia do papai não é legal? Se prepara, Lídio, porque naquele quintalão da fazenda, vai ser uma delícia de ver ele brincar.

— Vai me ajudar a limpar o galinheiro e dar comida para os porcos enquanto Marlene prepara o almoço dos campeões. — Lídio respirou fundo, parecia emocionado. — Sabia que eu nasci em uma fazenda? Meus pais também foram da roça.

— Nunca contou da sua família de origem, Lídio, só da Irmandade. — Fiquei curiosa com o tanto de emoção que estava

envolvido.

— Existe um estudo, que diz que algumas memórias são escondidas em nosso cérebro, porque causam muita dor. Mas são reativadas quando podem ser ressignificadas ou quando estamos preparados para olhar.

— Muito nerd. — Patrícia colocou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo na mão, entretida. — Mas continua, também quero saber das suas origens. Como um homem da roça foi se envolver com tecnologia?

— Não precisa contar se é tão dolorido assim. — Olhei feio para a minha irmã e suavizei com Lídio.

— Está tudo bem. — Beijou minha testa, me tranquilizando. — Foi há muito tempo e eu tenho um motivo diferente para querer ficar entre a natureza. Eu fui o décimo filho, uma família grande, apenas de homens. Minha mãe trabalhava muito e tinha pouco tempo para a gente, eram meus irmãos que tomavam conta de mim.

— Imagina para ir tomar banho, era uma fila! — Tentei imaginar a cena, na minha própria casa.

— Só tinha um banheiro, costumava me lavar no tanque ou de mangueira. — Piscou um olho para mim e lembrei-me da ducha do lado de fora de casa. Aquela memória não parecia ruim, era possível identificar o abandono e solidão, que também eram impactantes na vida adulta, só não chocavam. — Não tínhamos eletricidade e dormíamos cedo, para não precisar gastar vela ou o lampião. Mas uma noite eu tive que me levantar para ir ao banheiro, porque bebi muita água antes de dormir. Usei a vela, voltei para o

quarto e não sei por qual motivo, eu a deixei em cima da mesa. — Fechou os olhos e sorriu, com tristeza. — Eu tinha ido até a cozinha, beber mais água. Tinha trabalhado debaixo do sol e, provavelmente, estava desidratado, mas não sabia.

— Você tinha quantos anos? — perguntei, sabendo a direção daquela história.

— Menos de cinco, com certeza. Naquela época, as crianças amadureciam com o labor, não com a brincadeira. — Ele encarou minha irmã e depois a mim, acariciando meu ombro. — Resultado, a vela terminou de queimar, chegou na mesa de madeira, que tinha outras coisas em cima que queimavam e causou um grande dano. Perdemos metade da casa, meus pais despacharam metade dos filhos para a cidade, na casa de um parente e nunca mais os vi. Mas ficou gravado na minha mente a fala do meu irmão mais velho, que brigou com papai, sobre colocar eletricidade na casa e ele sempre relutar. O avanço da modernidade não era o vilão, mas a ignorância deles.

— Não foi sua culpa, Lídio.

— Eu sei. — Deu de ombros e sorriu, mais tranquilo. — Por causa disso, quando fui apresentado ao computador e o quanto ele era tecnológico, eu pensei que assim conseguiria me afastar de tudo o que me causava dor. E por um tempo aliviou o sentimento e até esqueci. Até hoje.

— Marlene, você poderia pensar sobre morar na cidade e ir para a fazenda no fim de semana. Eu ia falar sobre isso em outro momento.

— Não há pressa, acho que temos muita coisa para processar antes de fazer mais uma mudança. — Agradei que Lídio interveio e exalei com força, aliviada. Sair do meu canto era dar mais um passo para longe do meu legado familiar. Já estava alterando os conceitos quanto a sexualidade, mais um movimento, talvez eu surtasse sem processar a primeira grande mudança.

Ainda bem que a comida chegou, o assunto convergiu para o sabor, aroma e todas as receitas que eu fazia bem, uma vez que ambos eram apreciadores da minha comida.

Quando terminamos, Patrícia voltou para seu apartamento e o motorista me levou até em casa, com Lídio nos acompanhando do lado de fora com sua moto. Eu me sentia segura, protegida e não mais sozinha.

Aquela confiança era nova e alisava a barriga para transmitir àquela vida que estava sendo gerada, que não precisava sofrer como aconteceu comigo. Nem como o homem que o gerou, muito menos aquele que iria criá-lo.

Encarei Lídio pela janela e o via de forma diferente. Ele não era mais um moço provocador, com pinta de cafajeste e que me visitava por conta do meu café. O segurança tinha conquistado meu coração e seria o pai do meu bebê. Por Deus, era a minha vez de contar a história que mudou a minha vida.



Marlene

Capítulo 19

Cheguei em casa ao mesmo tempo que Lídio, ele parou sua moto próxima da área da frente da casa. Abraçada à minha bolsa, entrei pela sala, fui até a cozinha e tomei um grande copo de água, relembrando todas as recomendações médicas: continuar com a rotina, evitar muito peso que sobrecarrega a lombar, beber muita água e tomar as vitaminas.

— Aqui. — Lídio colocou um saco em cima da mesa e tirou os frascos de vitaminas. — Também comprei óleo para massagem. — Ergueu as sobrancelhas e me encarou com expectativa. — Aprendi algumas técnicas, caso precise relaxar antes de dormir.

— Isso quer dizer que está se mudando para cá?

— Ou o que você achar melhor. — Disfarçou o desconforto da minha pergunta, que mais parecia uma indignação. Na verdade, estava processando toda a informação sobre ter um bebê na minha barriga e um homem cuidando de mim.

— Morar na fazenda não te fará mal?

— Desde que eu possa estar por perto, te proteger e não te sufocar, aquela memória é apenas isso, uma parte do que fui.

— Seus pais estão vivos?

— Nunca busquei por eles. — Colocou as mãos no encosto da cadeira e olhou para a parede. — Eu tenho minha vida, minhas metas de trabalho e agora, estou incluindo um objetivo pessoal, ter

uma família. Me assusta pra caralho saber que eu terei uma criança para olhar, dentro de mim a dúvida sobre ser aceito como pai permanecerá por muito tempo, mas eu vou lidar com isso. É uma exceção que não vou tratar antes do momento que acontecer.

— Lídio, você é muito especial. — Fui até ele e o abracei na posição que estava para mim, de lado. Carinhoso, virou-se e me envolveu em seus braços musculosos, seu cheiro bruto e masculino me proporcionou acalento. Minhas armaduras emocionais se desfaziam a cada interação com aquele homem. — Quero tentar ser um casal, ao mesmo tempo que preciso ir devagar. Também não quero sentir que estou abusando da sua disponibilidade ou mesmo perceber que tem dó de mim. Foi tudo tão...

— Intenso. Melhor do que a atualização de sistema operacional que eu tanto aguardava. — Soltou um riso baixo e se afastou, para segurar meu rosto. — Não tem como continuar como antes, porque não somos os mesmos.

— Nós nos beijamos.

— E eu quero continuar a ter esse privilégio. — Aproximou seus lábios dos meus e me fez suspirar apaixonada. — Assumi um compromisso antes mesmo da confirmação do bebê. Esse filho é seu, mas a partir de agora, quero ter o direito de chamá-lo de meu.

Parecia tão errado. Se o pai biológico abdicasse da posição, talvez aceitasse com facilidade. Mas daquele jeito, sem eu contar a minha história de vida, eu me sentia traindo.

— Lídio...

— Tudo bem, vou aguardar o momento que você disser que é nosso. — Tocou minha barriga e retesei. — Não porque fui eu que fiz, mas porque serei eu a estar ao lado de vocês, na ausência do biológico. — Sorriu de lado, lendo meus pensamentos. — E você pode contar comigo para encontrar esse pai. Por mais que o sentimento de proteção grite alto, para esquecer qualquer coisa que não seja nós três, lidarei com isso para que você fique bem.

— Por mais que me permiti um momento inusitado, é você que eu quero ao meu lado, Lídio. O único homem que me fez sentir bem e não ter medo do amanhã está na minha frente e não desejo nenhum outro. Mas...

— Ninguém vai te fazer gozar como eu.

Puxou-me pela cintura e tomou minha boca, pecaminoso e apaixonado. Coloquei minhas mãos em seus ombros e logo envolvi seu pescoço, suspirando e retribuindo seu tesão. Sua língua na minha e o sabor da sua boca me faziam esquecer qualquer conflito eminente, éramos apenas eu e ele.

Sua mão firme apertou minhas costas, desceu para a lombar e apertou minha bunda. O vestido subiu, minha vontade de pular nele e ter mais um momento excitante quase me dominou, mas encerrei o beijo e dei um passo para trás, com o dedo em riste.

— Com você por perto e me beijando, minhas coisas ficarão atrasadas, Lídio. Trabalho em casa, mas eu tenho uma rotina. Amanhã o seu Afonso vai vir pegar as folhas e os ovos para a feira.

— Quer determinar horário para fodermos? — Ele cruzou os braços e escondeu o sorriso. — Ou vamos trabalhar com

recompensas? Você era uma até ontem. Hoje somos dois e temos quatro mãos. — Balançou seus dedos no ar. — São bons para digitar, melhores ainda para o trabalho braçal e você já descobriu que massageiam o ponto certo para te fazer gozar.

— Meu Deus, tudo será sobre sexo? — Coloquei as mãos na cintura e ele empinou o nariz, nem um pouco intimidado.

— Pode ser sobre outra coisa também, tenho mãos boas para descascar laranja e lavar louça. — Ergueu uma sobrancelha em desafio. — Sem massagem para você, dona, porque estarei usando minha mão para bater punheta no banheiro.

— Lídio! — Meus olhos se arregalaram tanto que ele começou a rir e eu comecei a respirar acelerado. — De repente, eu pareço uma vagabunda, para quem podem ser faladas obscenidades sem nenhum pudor!

— Sim. — Ele continuou rindo, agachou para segurar em minhas coxas e me levantou, o vestido subiu e abracei seu pescoço com medo. Ele me pressionou contra a parede do corredor, esfregou seu quadril e se acalmou, enquanto eu ficava ainda mais nervosa. — Seja minha puta, a mulher livre que me permitiu dar um orgasmo com a língua. — Lambeu meus lábios. — A cadela libertina com a boceta molhada, implorando para ser fodida em qualquer lugar, porque está excitada e só se importa com o seu prazer.

Ele fez meus pensamentos congelarem, mas não meu corpo e sensações. Suas palavras rompiam barreiras, alcançavam feridas profundas que faziam meu peito doer, ao mesmo tempo que minha libido aumentava. Ele ajeitou minhas pernas ao redor do seu quadril,

com uma das mãos colocou minha calcinha de lado e mexeu no seu jeans.

— Seja minha meretriz, uma rapariga desajuizada que ligou o foda-se para o mundo, porque tem um homem que a aceita do jeito que é. Brigue comigo, exija que eu cale minha boca, mas também me permita ser o cafajeste, promíscuo e prostituto que é apenas seu.

Senti a cabeça do seu membro na minha entrada e mordi a língua para não dar voz àquela mulher que ele descreveu. Eu já tinha permissão para ser, mas ainda faltava um pouco mais de coragem. Aceitar que ela estava em mim era o primeiro passo.

— Minha mulher, esposa e companheira, mãe do filho que será um presente em nossa vida. Ninguém precisa saber como somos dentro dessa casa, se trepamos no meio do mato, enquanto colhemos as alfaces. Eu e você, Marlene. Dona dos meus desejos mais safados, começando por te comer contra essa parede.

— Minha barriga — consegui falar e nem sabia ao certo em que ponto queria chegar com aquela afirmação.

Seu membro entrou e saiu da minha vagina, sentia que estava inchada e molhada, facilitando o movimento.

— Encontraremos outra posição quando ela estiver maior. Mas aqui, eu só preciso que você curta o passeio, porque eu te seguro, eu te fodo, eu te faço gozar gostoso.

Tomei sua boca, porque se ele continuasse com aquela declaração de amor, eu ficaria descompassada e fora de controle.

Seu quadril se movimentou lento no início, a cada investida eu também subia e descia ritmada.

Lídio largou meus lábios para chupar meu pescoço, aumentou o vai e vem e o senti fundo em mim. A sensação era muito parecida com a que tinha vivido meses atrás, mas a afastei, eu nunca o compararia com aquele mascarado.

Aquele homem era único, paciente e sabia exatamente o que falar para me livrar de conceitos tão antigos e limitantes.

Comecei a gemer, ele conseguiu curvar a cabeça ainda mais, para deixar beijos e mordidas pelos ombros e colo. Entrando e saindo, fazendo sexo como depravados e que não mereciam... o quê? Nem mesmo eu conseguia apontar falhas no que não tinha nada para ser julgado.

Sorri e me entreguei ao ritmo frenético, Lídio estava arfando e parecia tão próximo do ápice quanto eu. Fechei os olhos e deixei meu corpo corresponder, rebolei timidamente, mas o suficiente para esfregar no ponto certo.

Assim que meu gemido ficou mais agudo, o do meu acompanhante ficou mais grave e descompassado. Mesmo que suas mãos estivessem firmes nas minhas coxas e bunda, sentia que estava sendo um grande esforço naquele momento.

— Oh, caralho! — Lídio xingou, meteu com força e pulsou dentro de mim. As ondas de prazer ecoaram por todo o meu corpo que tremia por causa das sensações excitantes. — Porra. Sei que está óbvio, mas não custa dizer, eu estou limpo e você já está grávida. Mas se quiser...

— Só saberei como estou daqui a alguns dias, quando sair o resultado dos exames de sangue. — Abracei seu pescoço com força quando ele escondeu seu rosto no meu. — Precisamos de um banho.

— Sim, dona.

Ele me carregou até o banheiro e me mostrou mais uma habilidade das suas mãos.



Marlene

Capítulo 20

Semanas depois...

Pendurei mais uma peça de roupa de bebê e sorri ao lembrar que minha irmã estava certa, era um menino. Saímos do exame e fomos para o shopping comprar várias roupinhas, presente dela, que já se intitulava madrinha.

Tinha demorado para realizar o ultrassom, eu queria conseguir agendar o médico e cuidar das minhas coisas sem a ajuda da minha irmã ou Lídio, até que percebi que eu nunca mais precisaria lidar com nada sozinha. Quanto mais eu relutava, mais eu ficava empacada em resolver o assunto.

Reclamei que não queria, era cedo demais, eu nem tinha decidido se continuaria na fazenda ou me mudaria para a cidade. Nem tinha conversado com Lídio sobre outros assuntos, a gente andava muito... coelhos.

Meu Deus, até pomada eu precisei passar esses dias, de tanto sexo fora da cama que estávamos fazendo. Muito suor sem banho rápido não era uma boa combinação.

Mesmo sendo um casal, não estávamos morando sob o mesmo teto. Mas ele dormia todas as noites comigo, às vezes aparecia de madrugada ou tinha que sair em horários estranhos, por conta do trabalho.

Conheci Gael, Rute e Marceline, não os via mais como ameaça, mas amigos que poderiam compartilhar uma roda de conversa ou refeição. A mais nova, Rute, me encarava com admiração e adorava me ouvir falar sobre as receitas que eu fazia em casa.

Todos estavam muito felizes comigo e Lídio juntos, mas ainda existia o assunto mais complicado de todos, como foi feita a concepção do bebê. Estava indo tudo tão bem, que não queria mexer naquela particularidade, que me gerava desconforto e dúvidas.

Não tinha sido minha irmã a entregar a caixa com o convite, então, quem? Como sabia o meu endereço? Essa pessoa e aquele a quem entreguei minha primeira vez eram o mesmo?

Tirei outras peças de roupa de bebê da bacia, pendurei no varal e avistei Lídio se aproximando, sem camisa e carregando duas caixas de mandioca. Eu não me importava de sujar as mãos e fazer força, mas com o apoio dele, além de ter uma visão privilegiada do seu corpo esculpido a dedo, a pior parte das minhas obrigações, ele executava na metade do tempo.

Quando o homem me viu, sorriu e ficou tão iluminado quanto o sol. Se havia algo que me deixava feliz, sem motivo algum, era como Lídio me olhava.

Esperei que chegasse até mim, colocou um joelho no chão e depositou as caixas no chão. Surpreendeu-me quando ficou naquela posição, ergueu minha blusa e beijou a barriga, carinhoso.

— Bom dia, meninão! — Ele ergueu o olhar na minha direção, parecia pedir permissão de algo. Como prometido, em nenhum momento ele assumiu a posição de pai, estava esperando a minha fala e eu daria, assim que revelasse o meu segredo. — Como ele está hoje?

— Animado com as roupinhas. — Era o que eu sentia e serviria para o meu bebê, porque os sentimentos estavam compartilhados. — Quer algo especial para o almoço?

— Você! — Ele se levantou e me pegou no colo, como uma princesa. Dei um gritinho animado, bati no seu braço e peito enquanto me levava para o outro lado da área de serviço.

— Está fedendo e suado!

— Você gosta, inclusive gozou duas vezes naquele dia. — Colocou-me no chão e puxou minha blusa pela cabeça, meus braços se levantaram no caminho. — Mas eu topo um banho de boceta, para melhorar meu cheiro.

— Alguns pratos requintados têm um cheiro estranho, por isso vou começar experimentando. — Ajoelhei-me na sua frente e desabotoei sua calça jeans clara e surrada, eu o amava naquele traje.

Com um sorriso perverso, abaixei sua roupa e segurei a base do seu membro enquanto ele se livrava das botas. Muita coisa tinha mudado em pouco tempo, eu estava familiarizada com o corpo dele e tinha perdido o medo de tocá-lo.

Senti a água gelada tomar meu corpo, Lídio entrou debaixo da ducha e se livrou do suor, para que eu pudesse colocá-lo na

boca. Suguei com força, usei a língua para circular a glândula e o enfiava até a garganta, levando-o à loucura.

Quando estava prestes a gozar, ele me afastou e me ajudou a ficar de pé. Preocupou-se em tirar minha roupa do quadril para baixo, eu tirei o sutiã e pulei em seu pescoço, sabendo o que me aguardava.

Não era a primeira vez e nem seria a última que transávamos naquele lugar. Mesmo exposto e correndo o risco de algum vizinho aparecer e nos pegar em ação no ato despudorado, eu amava aqueles momentos, porque eles nunca aconteciam premeditados.

Há três dias não transávamos e eu não sabia como dizer a Lídio que eu queria. Mesmo o sentindo duro às minhas costas, enquanto dormíamos de conchinha, minha boca não tinha dito as palavras.

Ainda bem que ele estava animado, porque eu pegava fogo.

— Posso pegar uma cadeira? Minhas pernas não vão durar muito e não quero correr o risco de nos derrubar. — Beijou minha boca e mordeu meu lábio inferior. — Quero ver essa bunda se sentando gostoso no meu pau, debaixo dessa água.

— Vá logo, porque estou por um fio aqui. — Provoquei-o e soltei-me do seu pescoço, ele correu pelado e comecei a rir.

Apareceu com a cadeira de fio, posicionou-a debaixo da ducha e se sentou, fechando os olhos e relaxando. Esperei o convite, ele estendeu a mão e virei-me, recebendo o jato de água nas costas.

O primeiro tapa veio antes de flexionar as pernas, meu corpo inteiro estremeceu. Enquanto me ajeitava, Lídio apertava meus quadris, abria minhas nádegas e batia, preparando-me para receber seu grande pau.

Ele era grande e me satisfazia muito mais do que uma refeição.

— Abra as pernas e se encosta em mim, eu faço o trabalho.
— Senti-o firme na minha vagina, sentei-me no seu colo e fiz como mandou. A sensação de exposição era maior do que eu imaginava e a ducha, que agora caía no meu sexo e coxas, se tornou excitante.

— Nossa! — Fechei os olhos e inclinei a cabeça para o lado, deixando-o morder meu pescoço enquanto movimentava para dentro e fora de mim. Suas mãos foram para meus seios e os massagearam com cuidado. — Hum...

— Está bom? — Uma das suas mãos desceram até a junção entre nós e pressionou. — Vai gozar assim ou precisa de mais pressão?

— Aqui tá indo bem e você?

— Estando com você, eu gozo sem precisar me tocar.

Ele entrava e saía, movimentava só o quadril e apreciava a vista. Suas mãos não paravam de me tocar, na intensidade necessária para levar até o céu, sem sair do chão.

Ouvi barulho de carro se aproximando e tentei me levantar, assustada. Lídio me fez deitar as costas na sua frente e aumentou os movimentos circulares no meu clitóris.

— Quem quer que seja vai esperar e eu o receberei. Você pode levar o tempo que quiser para gozar.

Fechei as pernas, coloquei os pés no chão e rebolei, aumentando a pressão e encontrando meu orgasmo. Tentei não gemer alto, mas o barulho do veículo aumentava ainda mais minha excitação.

Assim que o senti pulsar dentro de mim e apertar minhas coxas com as mãos, relaxei, porque Lídio também tinha alcançado o ápice. Normalmente, aproveitávamos para curtir nossa presença, conversávamos sobre o futuro e o que iríamos fazer mais tarde no dia.

Mas, naquele momento, eu precisava trocar de roupa e ver quem tinha chegado. Pulei do colo de Lídio, ele segurou no meu pulso e se levantou, puxando-me para um beijo.

— Pode ficar tranquila e leve o tempo que precisar para se arrumar, eu vejo quem chegou.

— Vai pelado?

— Armado, mas não desse jeito. — Piscou um olho e me soltou, puxei uma toalha do varal e me enrolei nela, correndo para dentro de casa.

Assim que cheguei no meu quarto, fechei a porta e espiei pela fresta da cortina quem tinha chegado. Meu coração perdeu uma batida quando constatei que era o mesmo carro que me buscava, da época que eu ia na Festa da Luxúria. Quando o motorista abriu a porta e Gomes saiu, afastei-me da janela, sentei-me na cama e senti minha pressão cair.

Será que minha vida teria uma nova reviravolta?

Lidia



Capítulo 21

Coloquei o jeans sem cueca, soltei o cabelo e fui descalço até a frente da casa, seguindo pelo outro lado que Marlene tinha ido. Tirei a arma de um esconderijo ao lado de um vaso de planta e a coloquei atrás da calça. Reconheci quem estava chegando pela placa do carro, era um dos usados pelos motoristas exclusivos da Festa da Luxúria.

O que estava acontecendo?

Coloquei as mãos na cintura e esperei estacionar para que eu me aproximasse. O motorista saiu e abriu a porta traseira, mantendo o perfil discreto. Quando vi que era Rômulo Montenegro, baixei a guarda e cruzei os braços, esperando a irmã e as crianças aparecerem, mas era apenas ele.

— Bom dia, Lídio. — O bilionário se aproximou ajeitando o paletó. — Ou boa tarde, não sei já almoçaram.

— Patrícia não veio? — Olhei além dele, para o carro e depois voltei para seu rosto, ele parecia constrangido.

— Na verdade, ela ainda não sabe o que estou fazendo e deixarei para vocês decidirem. Ou minha cunhada. — Ele inclinou a cabeça para o lado e acompanhei. — Marlene está bem?

— Sim. Ela virá quando estiver pronta. — Fiquei na dúvida se o convidava para entrar ou permanecia do lado de fora. O segundo ganhou.

— E o bebê?

— Bem também, um menino.

— Que legal, parabéns. — Coçou a cabeça. — Minha mulher está empolgada com tudo, mas entendo que cada pessoa tem um sonho de vida e ambição. — Respirou fundo. — Tenho dois assuntos para tratar, prometo não me delongar. O primeiro é sobre uma casa em condomínio fechado, com um grande quintal e espaço interno. — Ele tirou uma chave de dentro do bolso e estendeu para mim. — Não precisam decidir nada de imediato, é apenas uma opção. Já tem alguns móveis e vocês podem testar ficar entre a cidade e a fazenda. Inclusive, está equipada com câmeras e outros recursos de segurança modernos, você vai gostar.

— Você está nos oferecendo uma casa?

— Patrícia falou que comprou roupinhas e outras coisas, eu também queria dar algo para a pessoa que minha mulher tanto admira e ama. — Colocou a chave na minha mão e engoli em seco. — Ela é minha família e você se tornará também. Não precisamos nos encontrar apenas uma vez por mês ou menos.

— Oh, Rômulo! — Marlene surgiu, virei o rosto e a acompanhei ir até o cunhado e o abraçar. — Não precisava se dar ao trabalho, eu tenho algumas economias e...

— E tem eu. Ela tem um homem e também recursos para conseguir uma casa com sistema de segurança tecnológico. — Inflei o peito, confrontando o engravatado que me julgou não sendo capaz de dar uma casa para minha mulher e filho. Apesar de não

demonstrar, eu tinha uma reserva gorda, por ser um bom investidor financeiro.

— Claro que sei. — Rômulo soltou minha mulher e bateu no meu braço de forma amigável. — Se tem algo que aprendi com a Irmandade Horus, é que vocês têm solução para tudo.

— Agradeço muito, mas não prometo. — Puxei minha mulher para perto e ela abraçou minha cintura. — Gosto de morar no campo e tenho um trabalho aqui.

— Tudo bem, foi apenas uma sugestão e não ficarei ofendido se não aceitarem. Só terei que encontrar outro presente para vocês. — Soltou um riso baixo e acompanhamos.

— Você disse que tinha dois assuntos — lembrei-o e ficou sério.

— Podemos entrar?

— Claro, vou passar um café. Vamos para a cozinha.

— Obrigado.

Entramos, Marlene seguiu rapidamente na frente e deixei a arma no alto da cristaleira que tinha no corredor. Rômulo fingiu que não viu, mas percebi seu espanto por eu estar preparado para proteger minha mulher.

Os homens se sentaram à mesa e ficamos observando cada movimento de Marlene. Tranquila, não só passou o café, como preparou o pão de frigideira com tapioca que eu a ensinei a fazer.

— Esse silêncio está me incomodando. Dá pra começar a falar? — ela resmungou e pegou as xícaras de café para nos servir.

— Desculpe o mistério, cunhada. Eu ainda estou buscando a palavra certa para dizer que é algo muito pessoal e se Lídio poderia nos dar licença.

Eu me levantei, porque não deixaria minha mulher mais nervosa do que já estava. Rapidamente, ela segurou meu braço e negou, sua mão estava fria e a puxei para um abraço.

— Eu não ligo, vocês podem conversar — tranquilizei-a.

— Você gosta de mim? — ela me perguntou e meu coração acelerou, porque eu tinha reservado um momento especial para declarar meu amor. Pelo visto, aquela era a hora ideal.

— Te amo, Marlene. Todas as suas versões.

— Então, fique. — Ela fez força e eu me sentei de volta na cadeira. Puxei a do meu lado, ela trouxe o pão, a manteiga e a faca antes de se acomodar. — Eu acho que já sei o assunto.

— Sabe? — O engravatado ergueu a xícara e acenou em agradecimento.

— Conheço o motorista. É sobre isso, certo? Ele falou algo?

— Então... — Soprou a fumaça que saía da xícara, me deixando ainda mais nervoso. Minha mente formava mil e um cenários, mas nenhum fazia sentido. — Há um tempo, Patrícia trouxe caixas com roupas para te entregar. Junto delas, tinha uma que era o convite da Festa da Luxúria. Nunca me importei com o sumiço, porque se tivesse caído nas mãos erradas, Cameron Reynolds iria comentar algo. Tudo é muito controlado e seguro.

Segurei a respiração e observei a troca de olhar dos dois.

— Mas estava em meu nome. — As mãos de Marlene se juntaram em cima da mesa.

— Sim. — Abaixou o olhar, depois me encarou e seguiu para minha mulher, cauteloso. — Apesar de ter entregado o comando da Festa da Luxúria para outra pessoa, estamos sempre trocando informações sobre o assunto. Ele planejou criar um dia de introdução, para os mais tímidos e que gostam de observar. Perguntou se eu tinha alguém em mente, que poderia aproveitar aquele ambiente e citei você.

— Ah! — Marlene ficou com o rosto vermelho de vergonha e estiquei minha mão para entrelaçar na dela, suada e fria.

— Dá para falar de uma vez o que está acontecendo? Minha mulher está grávida e não precisa de tanto suspense.

— Foi lá, Lídio. — A voz suave atingiu meu peito como um abraço assustado. — Eu frequentei a Festa da Luxúria por algumas semanas, vestida com uma peruca loira enquanto os homens usavam um pano na cabeça, mostrando apenas os olhos. E... eu fiquei com alguém de lá, em um dia que estávamos apenas eu e o Cafajeste.

A cada palavra que ela soltava, a cena retomava na minha cabeça e eu enxergava a minha mulher como a tímida misteriosa. Abri a boca em choque, tanto por não ter reconhecido Marlene na Festa da Luxúria quanto depois, na fazenda e sem as máscaras.

Então, lembrei-me do som que abafava nossa voz e confundia a mente. A aparência, tão igual das outras mulheres, que te fazia acreditar que todas eram a mesma.

Eu tinha me apaixonado por duas pessoas e uma delas, eu me obriguei a esquecer, porque se tratava de uma ilusão. Por muito tempo achei que eu era apenas um homem que tinha o pior momento para agir, causando dano a todos ao meu redor.

Não. Enganei-me no melhor momento, naquele que me tornaria o dono da situação, não mais o usurpador. Eu não cuidaria da mulher como um substituto, seria o melhor amante e o melhor pai.

Comecei a rir, Rômulo franziu o cenho confuso e Marlene se entristecia, porque a emoção a tomava por completo. Arrastei minha cadeira e a puxei para meu colo, abraçando sua cintura e inspirando seu cheiro enquanto o riso se tornava um choro emocionado.

— Meu filho — murmurei e senti a lágrima quente escorrer no meu rosto. Coloquei as mãos em seu rosto cheio de confusão e beijei sua boca, várias vezes. A frase dita, com tanto carinho e que externava meus sentimentos naquele dia saiu para confessar minha entrega de corpo e alma àquela mulher. — O que você enxerga como defeito, eu vejo como parte do que te faz especial.

— Eu... — Ela reconheceu e lágrimas escorreram. Achei que iria chorar, mas começou a rir e a fazer como eu, aproveitando o presente e não querendo mais explicações do que o aceitar. — Você...

— Sim, eu. Meu filho, nosso bebê. — Toquei sua barriga e acariciei, aliviado. — Eu já te amava sem saber que era sangue do meu sangue. Agora, posso dormir em paz sabendo que somos uma família. E ponto.

— Vírgula, na verdade. — Rômulo pegou a garrafa de café e serviu mais em sua xícara. — Eu ainda não entendi o que está acontecendo.

— O homem mascarado que me engravidou era Lídio. — Marlene colocou a mão na boca e escondeu o riso. — Meu Deus, não consigo parar de rir.

— Todo o ambiente é feito para que você não reconheça. Sons, cheiros, sabores, iluminação e aparência, só poderia ser possível reconhecer se alguém contasse algum detalhe.

— A frase. Lídio me disse exatamente como o outro... como ele mesmo, na sua versão mascarada e cafajeste. — Seus braços apertaram meu pescoço e eu curti meu momento de êxtase.

— Sério? — Rômulo aplaudiu, contente. — Caramba, vocês merecem. Parabéns! O encontro foi de almas, não importou a aparência ou o ambiente, porque vocês se conectaram.

— Você me achou e eu te amo, Lídio — murmurou, ainda rindo e chorando. — Nosso bebê, sempre foi e sempre será. Eu demorei para falar e...

— Shiu, está tudo perfeito. Você é minha moça tímida, dona do meu coração e eu serei sempre seu cafajeste.



Marlene

Epílogo

Meses depois...

Estendi o edredom em cima da cama, passei as mãos na superfície para alisar e suspirei, alisando a barriga e sentindo os movimentos do meu menino. Ainda levaria duas semanas para que Luiz Felipe nascesse, se ele não quisesse ultrapassar as quarentas semanas de gestação.

Por conta de um leve sangramento, minha decisão de morar na cidade foi antecipada, mesmo que provisoriamente. O bem-estar do bebê estava acima de qualquer capricho meu ou o trabalho.

Depois da descoberta do pai do meu bebê, a convivência com Lídio só melhorou. Nem me lembrava mais do que era o medo que eu tinha de me entregar de corpo e alma para aquele homem, tudo fluiu naturalmente.

Aos poucos, o segurança associado à Irmandade Horus foi se mudando para a minha casa. Eu ainda tinha receio de que viver na fazenda poderia lhe fazer mal, mas seu comportamento só melhorava, eu o via cada vez mais feliz.

Eu tinha mudado. Patrícia nem precisava dizer que eu parei de resmungar ou rebater falar de forma amarga, havia amor transbordando do meu peito. Saber que eu teria minha própria família e ao meu lado estava o homem que eu escolhi para ser meu

companheiro, não apenas uma segunda opção ou o que sobrou, me fazia sentir poderosa.

Prosperei, em meio a tanta solidão. Talvez, meus pais não ficassem tão contentes com as minhas escolhas, mas quando pensava sobre o assunto, era Patrícia e sua família que vinham à minha mente. Ela estava feliz, eu também, algo tão positivo e reconfortante não poderia ser ruim. E eles não estavam vivos para confirmar meus temores. A essa altura, quem sabe, eles estivessem mais tranquilos com as duas filhas encaminhadas do que preocupados que nos tornaríamos devassas descontroladas.

Sentei-me na cama e suspirei, lembrando a noite e a massagem que Lídio tinha feito. Ele me aceitava daquele jeito, incentivava que eu me libertasse dos pudores, mesmo não estando na minha melhor forma. Conseguia me sentir sexy mesmo com quinze quilos a mais, porque aquele homem tinha sido feito especialmente para mim.

Tínhamos seis anos de diferença, eu amava a natureza e ele era aficionado pela tecnologia. Não combinávamos em muita coisa, nem nos completávamos, era uma mistura em que era possível ver dois e também apenas um.

Era a junção perfeita da mulher do campo turrone e o homem da cidade cafajeste.

— Jay e Kath chegaram! — Lídio apareceu na porta do quarto luxuoso, que eu ainda estava aprendendo a me acostumar com a vista. Tudo era delicado, iluminado e branco, até ajudante do lar meu cunhado providenciou para que eu focasse apenas na

gestação. Pelo menos, eu conseguia fazer a cama antes de dona Alana vir me ajudar. — Está tudo bem?

— Sim. — Levantei-me e ele se aproximou, preocupado. — Apenas pensando na vida. — Toquei seu rosto e beijei seus lábios, eu amava a reação do meu corpo quando nos conectávamos de forma íntima, mesmo sendo algo tão suave como um beijo.

— Está cheio de crianças, Marlene. — Os olhos dele brilharam e ri, porque já tínhamos conversado sobre ter mais filhos e concordamos em deixar fluir, sem tomar remédio ou planejar. — Patrícia pediu para perguntar se poderia levar um colchão para colocar junto com o tapete.

— Tem um colchonete no quarto de visita. É melhor, para não correr o risco de ninguém tropeçar por conta da altura.

— Vou pegar.

Ele saiu do quarto e fui andando igual a uma pata, devagar e segurando a barriga. Não precisava de tanto teatro, eu não estava sofrendo, mas meu corpo parecia querer mais calma do que minha costumeira pressa. Eu só obedecia, porque sabia muito bem que Luiz Felipe era o responsável pela mudança de atitude.

Passei pelo corredor de quartos, atravessei a sala ouvindo a conversa animada no quintal. Lídio tinha me deixado dormir até tarde, eu andava muito cansada e sonolenta, nem reclamei.

Passei pela porta que dava acesso à varanda e admirei a cena. Patrícia, Simone e Katherine estavam no chão com as crianças, brincando e interagindo entre eles, o colchonete já tinha

sido posto. Um grande tapete de EVA tinha sido colocado no chão, para que todos pudessem se divertir.

No balcão, ao redor da churrasqueira, estavam os homens sorridentes e tão diferentes da primeira vez que eu os vi. Rômulo não era mais o ricaço metido, mas um homem de olhar sereno e sorriso calmo. Marlon, que tinha uma postura misteriosa, naquele momento esbanjava risadas e seu olhar se mantinha atento à sua amada, Simone. Jay mantinha seu jeito sério e rústico, mas havia uma suavidade no olhar que externava a sua mudança. Ele fazia parte da Irmandade Horus e o vi poucas vezes, mas sabia que era um grande amigo de Lídio.

Tanto que julguei, fiz o mesmo e, naquele momento, éramos uma grande família.

— Olha quem acordou! — Patrícia se levantou e bateu palmas, animada. — A vida na cidade está te fazendo bem, parou de se levantar com as galinhas.

— Para de pegar no pé da sua irmã. Todo mundo dorme demais quando está grávida — Simone me defendeu se levantando com a filha no colo e sorri agradecida.

Recebi os cumprimentos das mulheres e depois os homens vieram, todos muito carinhosos. Eu queria estar na cozinha fazendo algo, mas a mesa estava posta com petiscos e guloseimas de café da manhã, enquanto a carne seria servida mais tarde.

Sentei-me no banco, para tomar um pouco de suco de laranja quando minha sobrinha Lavínia veio até meu lado e colocou a mãozinha na minha barriga.

— Tem bebê. — Cutucou minha lateral e sorri para a pequena, que era tão parecia com a minha irmã, mesmo que algumas pessoas dissessem que era a cara do pai.

— Sim, seu primo Luiz Felipe está dando oi. — Peguei seus dedinhos e os posicionei onde o movimento vinha maior. Uma onda de cólica surgiu das costas até minha virilha e suspirei. — Oh, uau.

— Mexeu! — ela gritou, assombrada. Apesar de nos encontrarmos para almoçar, ela nunca teve a curiosidade de falar sobre minha barriga. Patrícia deveria ter comentado algo em casa, com certeza.

Mais uma onda veio e senti minha calcinha molhar. Droga, eu sabia que grávidas poderiam fazer xixi por acidente, pela pressão na bexiga, só não imaginava que aconteceria comigo na frente de todos.

— Preciso ir ao banheiro — resmunguei e me levantei, minha sobrinha saiu correndo para a mãe.

Nem dois passos eu dei, ajustando o vestido no meu imenso corpo, mais líquido saiu e escorreu pela minha perna. Meu Deus, que vergonha!

— Marlene! — Lídio surgiu ao meu lado, segurou na minha cintura e mão. — O que foi?

— Acho que... — Escorreu mais e ele olhou para a mesma direção que eu, meus pés. — A bolsa estourou.

— A bolsa estourou! — Simone repetiu, entusiasmada.

— Luiz vai nascer, é hoje! — Patrícia complementou.

— O que vocês estão fazendo aí? — Katherine se levantou e enfrentou os homens. — Vão ajudar Lídio, tem um parto prestes a acontecer!

Tentei dizer algo, mas não consegui, estava em choque, sentindo as contrações e a pressão na minha virilha. Alguém me deu uma toalha para envolver na cintura, depois surgiu a bolsa da maternidade e Lídio me ajudou a ir até o carro na garagem.

Apenas Jay nos acompanhou, dirigindo o automóvel, enquanto Lídio estava do meu lado, empolgado e nervoso ao mesmo tempo.

— Está tudo bem aí? — o motorista questionou, aumentando a velocidade.

— Não sei. — Soltei um riso nervoso. — Luiz Felipe vai nascer, nosso filho. — Coloquei a mão na barriga e a senti dura, Lídio fez o mesmo e a acariciou para me acalmar.

— Vai ficar tudo bem, eu não sairei do seu lado em nenhum momento.

— Precisa acompanhar nosso menino, eu estarei na maca quando a pediatra fizer o primeiro atendimento.

— Tudo bem, apenas nesse momento eu me afastarei, mas continuarei de olho em você.

— Conseguimos estar atento a vários lugares e pessoas, Marlene. Treinamento tático, resgate e muitos filmes de ação. — Jay esticou o braço e apertou suave meu joelho. — Também estarei por perto, somos família.

Não só pela Irmandade Horus, mas também pela nossa história de vida, que se cruzaram e as transformações que compartilhávamos. Não se tratava apenas de mudanças de conceitos e nos libertar de pudores sobre o sexo. As crenças que herdamos não precisavam mais ditar nossos passos, serviriam de aprendizado para que eu pudesse ser feliz com a minha família.

— E agora? — Respirei fundo e encarei os olhos emocionados de Lídio. Meu amante, meu amigo, meu homem.

— Agora, dona, é apenas o começo.

Agradecimentos

Cheguei ao quarto e último livro da série, que alegria! O enredo vinha e voltava da minha mente, juntei Lídio com outra e depois voltei para Marlene, era seu destino.

Um ano de Festa da Luxúria. Era para ficar engavetado, mas acabou alcançando tantos leitores e me ajudando a descobrir tantas coisas da minha escrita. Gratidão por receberem esse quarteto de fetichistas tão bem em seus Kindles.

Para meus eternos amores, Fabricio, Amanda e Daniel, Gratidão por serem minha família e proporcionar momentos incríveis.

Conto com o apoio literário precioso das mulheres do DesafioMariSales, Os Seis Elementos, Jéssica Macedo, Rosimeire Gouveia, Sônia Carvalho e Vício em Livros, que estão comigo diariamente em trabalho colaborativo e trocando ideias. Em parceria ou independente, gratidão por fazer parte da rotina.

Um agradecimento superespecial para minhas leitoras do grupo Leitoras da Mari Sales. Além das conversas, leituras e convívio virtual, vocês também me motivam a criar muitas histórias. Um abraço quentinho especial para aquelas que participaram da leitura coletiva dos “Seis Elementos”: Adriana Garcia, Adriana Leite, Alecsandra, Aline Gomes, Amélia Luize, Ana Paula, Andréia, Andromeda, Beatriz Soares, Bruna Correia, Carla, Carla Staub, Carol, Celly, Cilene Ferreira, Cíntia, Cleunice Siqueira, Cristhiane,

Cristina TKC, Daniela Sousa, Danielle Martins, Elena Ribeiro, Enae, Érica, Fran Barbosa, Francine, Gabriela, Gardênia, Giane Silveira, Gilcélia Martins, Gilma, Gilvane, Ilza, Ivana Sandes, Jaque Silva, Jessyka Monyka, Juliana Lelis, Lalamoura, Lauryen Cristina, Leidiana, Lidiane Macedo, Livia Guanabara, Luana, Luciana Nana Dias, Lulu, Mariana Telles, Micaela, Monique M, Myelle, Nedja Mendes, Patricia Dutra, Regina Fabbris, Roberta Frosi, Roberta vmh, Roseane Ferreira, Silvana Brito, Suelen Chaves, Tássia, Tatiane, Thatyana, Ticyanne Brito e Zaza.

E para você, querido leitor, que não teve o nome citado, mas está presente nas minhas redes ou mesmo fazendo a leitura de um livro no seu cantinho, saiba que seu apoio e emoções chegam a mim. Você também faz parte e agradeço com muito amor, respeito e gratidão.

Mari Sales

Sobre a Autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018, criou o DesafioMariSales para incentivar escritores em 2019 e publicou mais de 100 títulos na Amazon entre contos, novelas e romances.

Site: <http://www.autoraMariSales.com.br>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoraMariSales/>

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Outras Obras

A promotional image for Mari Sales. On the left, a woman with long dark hair, wearing a white t-shirt with the text "EU LEIO Mari Sales ESCRITORA DE ROMANCES" and a graphic of three people, points upwards with her right index finger. To her right, four book covers are displayed: "o filho que REJEITEI" (a man and a child in a car), "Pai por ACIDENTE" (a man holding a baby), "Filha PERFEITA" (a shirtless man), and "Meu Chefe INTENSO" (a man and a woman). Above the books, the text "LEIA Clichês INUSITADOS" is written in large, bold letters. At the bottom right, the author's name "Mari Sales" is written in a stylized font, with "ESCRITORA DE ROMANCES" underneath.

LEIA
Clichês
INUSITADOS

o filho que
REJEITEI
MARI SALES

Pai por
ACIDENTE
MARI SALES

Filha
PERFEITA
MARI SALES

Meu Chefe
INTENSO
MARI SALES

Mari Sales
ESCRITORA DE ROMANCES

Visite o meu site na Amazon e tenha acesso a todos os meus eBooks disponíveis: <https://amzn.to/3vZtDqe>